CORTESIA DO EDITOR

CARTAS

Senhor editor:

Tenho a satisfação de dirigir-me a V.Sa. com a finalidade especial de acusar o recebimento de exemplares do Coojornal, o qual terá circulação entre todos os acadêmicos, coordenação e corpo docente do Curso Superior de Tecnólogos em Cooperativismo da Universidade Federal de Santa Maria. Penhoradamente grato pela gentileza da remessa, esperando sempre contar com a colaboração de V.Sa., desde já confesso-me grato e aproveito a oportunidade para apresentar meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

professor adjunto Loreno Covolo - coordenador do Curso.

Prezado amigo:

Há muito desejávamos manifestar nossa satisfação pelo recebimento quase que semanal de correspondência da Cooperativa. Isso bem demonstra o dinamismo que impulsiona sua equipe. E é com orgulho que vemos antigos colegas de faculdade figurando no expediente do Coojornal.

Queremos cumprimentar toda a equipe da Coojornal pelo segundo aniversário e desejar que ela seja cada vez mais forte, sem nunca fugir aos objetivos que a geraram.

José Antônio Ribeiro - Audiovisão Associados Ltda-Propaganda.

Senhor presidente:

Na oportunidade em que a Coojornal comemora o segundo ano de existência, a Aplub une-se às congratulações recebidas para desejar-lhe, e a todos os seus colaboradores, a continuidade das grandes realizações. Atenciosamente,

professor Adelino Cruz - Relações-Públicas.

Senhor presidente:

A diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre associa-se às manifestações de júbilo pelo transcurso do segundo aniversário da Cooperativa dos Jornalistas, hoje uma opção importante no mercado de trabalho da cidade. Uma esperança ontem, a Coojornal é hoje uma realidade e uma promessa, pelo que já realizou nos últimos dois anos e pelas perspectivas de seu desenvolvimento, que sabemos estarem assentadas em seguros planos de expansão. Valemo-nos da oportunidade para reiterar-lhe nossas manifestações de consideração e apreço. Atenciosamente,

João Borges de Souza - presidente.

Senhor presidente:

Tenho a satisfação de me dirigir ao distinto colega a fim de formular os cumprimentos da Associação Riograndense de Imprensa pelo transcurso, nesta data, do segundo aniversário de fundação da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre. Preenchendo uma lacuna na área de organização e do mercado de trabalho da imprensa, a Cooperativa tornou-se logo iniciativa vitoriosa que enaltece a classe e, especialmente, os que a idealizaram, criaram e dirigem. Com a solicitação para que se digne de transmitir aos demais dirigentes e associados as congratulações da entidade, reitero ao colega e amigo os protestos de elevado apreço.

Alberto André - presidente.

Senhor presidente:

Ao transcorrer o segundo aniversário dessa Cooperativa, enviamos nossos cumprimentos ao mesmo tempo em que almejamos crescente sucesso.

Ferruccio de Rose - Departamento de Relações Públicas da MPM Propaganda.

DIA DA IMPRENSA

Senhor editor:

Valemo-nos da presente com o fim de manifestar-lhes os nossos cumprimentos pela passagem do Dia da Imprensa. Aproveitamos também para agradecer a amabilidade e cortesia com que somos servidos por esse órgão de comunicação. Atenciosamente,

Roberto Pintaúde - Nova Forma Propaganda e Mercadologia Ltda.

Senhor editor:

Na oportunidade em que se comemora o Dia da Imprensa, a ADVB-Porto Alegre manifesta congratulações pelo significativo trabalho desta Cooperativa em prol do desenvolvimento das comunicações. Atenciosamente,

Ana Regina.

Senhor editor:

Pela passagem do Dia da Imprensa, efusivos cumprimentos a essa cooperativa que através de excelente trabalho mantém elevado o nível jornalístico no nosso Estado.

José Maria Bastide Schneider - diretor da Riocell.

Senhor editor:

Na passagem do Dia da Imprensa quero cumprimentar a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, ressaltando o fato de que a atividade jornalística profissional é imprescindível para o relacionamento entre a Comunidade e o Poder Público, que a ela deve sua existência. A imprensa gaúcha, particularmente, vem desenvolvendo de forma intensa e valiosa a missão de informar, divulgando e interpretando os fatos que são notícia. Atenciosamente,

Artur Paulo A. Zanella - Secretário Municipal da Produção, Indústria e Comércio.

O Coojornal nas bancas, em outubro

Nascido em novembro do ano passado, o Coojornal circula pela última vez como um boletim interno. A partir de outubro (dia 14, uma quinta-feira) o Coojornal deverá chegar a todas as pessoas a que sempre chegou nos últimos tempos, mas agora como um jornal de 24 a 28 páginas, que terá assuntos variados além dos temas que sempre abordou (publicidade e comunicação em geral) e também será vendido nas bancas de Porto Alegre e de algumas cidades do interior.

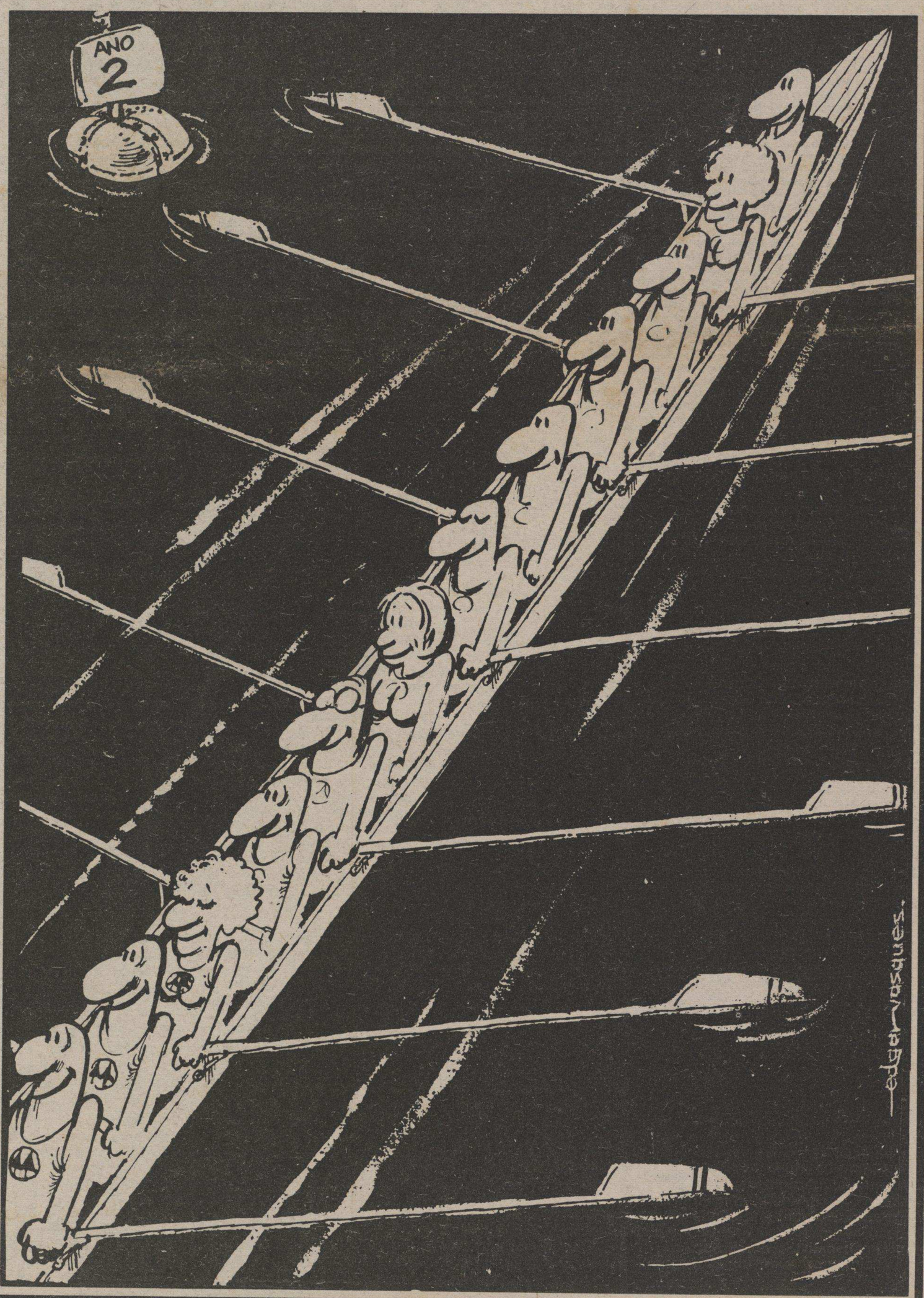
Como boletim de uma Cooperativa de Jornalistas, pode-se dizer que o Coojornal é um empreendimento muito bem sucedido. Tanto que resolvemos levar ao público em geral aquele jornal que chegava (e continuará chegando) até os associados da Cooperativa e mais 3.500 pessoas - publicitários, estudantes, homens de negócios, autoridades, dirigentes de outras cooperativas.

Graficamente reformulado, editorialmente ampliado e aperfeiçoado, 10 mil exemplares de tiragem inicial, compromisso com a mesma linha editorial do boletim - estas as características do jornal mensal que a Cooperativa dos Jornalistas se propõe a fazer a partir de outubro. Além disto, terá um pouco de humor: em três ou quatro páginas, os cartunistas Guaraci Fraga e Edgar Vasques vão editar o Quadrão, uma secção bem conhecida no jornalismo do Rio Grande do Sul.

Neste último número como boletim, a partir da página 4, o Coojornal dá uma visão geral do que é a Cooperativa dos Jornalistas ao completar dois anos. E nas páginas 2 e 3 conta como será a assembléia geral, programada para outubro, dia 16.

coojornal

BOLETIM DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE



"280 sem patrão": charge de Edgar Vasques sobre o 2.º Ano da CooJornal

coojornal

É livre a transcrição de textos. Em caso de matérias assinadas, pede-se registrar o nome do autor.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
José Antonio Vieira da Cunha (Presidente)
Luiz Cláudio Cunha (Vice-Presidente)
Rejane Baeta (Secretária)
Carlos Henrique Bastos
Danilo da Silva Ucha
Jorge Olavo de Carvalho Leite
José Félix Valente
Victor Hugo Sperb
Sérgio Caparelli

CONSELHO FISCAL
Antonio Britto Filho
Luiz Francisco Terra Júnior
Érico Valduga
João Borges de Souza
Tomás Irineo Pereira
Carlos Fernando Karnas

CONSELHO EDITORIAL - Elmar Bones da Costa, Gerson Ricardo Chaves, Jorge Polydoro, Luiz Cláudio Cunha, Rosvita Saueressig, Osmar Trindade, Ayrton Kanitz, Emanuel Gomes de Mattos, Ronaldo Westermann, José Félix Valente e Nilson Figueiredo.

DEPARTAMENTO COMERCIAL - Gabriel Matias
ADMINISTRAÇÃO - Elódio Dias Vieira da Cunha
EDITOR-RESPONSAVEL - Elmar Bones da Costa

REDAÇÃO - Adélia Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Affonso Ritter, Ângela Beatriz Sória Riccordi, Antonio Britto Filho, Antônio Dreon Peres, Athur Tadeu Monteiro, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Henrique Bastos, Carlos Marino Urbim, Carlos Mosmann, Celso Antonio da Rosa, Clairton Selistre, Clarice Aquistapace da Silva, Cláudio Barcelos de Barcelos, Danilo Ucha, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Érico Valduga, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Gládis Ibarra, Imara Stallbaum, Jandira Maria César, João Borges de Souza, Jorge Olavo de C. Leite, José Antonio Vieira da Cunha, José Antonio Ribeiro, José Félix Valente, Licínio Silveira de Azevedo, Luís Carlos Merten, Luiz Cláudio Cunha, Luiz F. Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Maria Wagner, Marina Wodtke, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam, Nirce Levin, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccordi, Paulo Gerson de Oliveira, Pedro Maciel, Regina Vasquez, Renato Pinto da Silva, Sérgio Moita, Silmar Müller, Tomás Pereira, Walter Molina, Hermelindo Macedo, Clóvis Malta, Omar de Barros Filho, João Carlos Ferreira da Silva, Lenora Vargas, Divino Fonseca, Eva Maria Castro, Maristela Bairros, Luiz Rache Vitello Fº, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Rogério Mendelski, Vitor Hugo Sperb, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto André, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Freitas, Renan de Oliveira, Antonio Gonzalez, Mário Rocha, João Batista Aveline, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Rejane Baeta, Fernando Goulart, Paulo Burd, Agnese Schifino, Carlos Salzano, Laila Pinheiro, Marinória Schilling Osório, Hélio Gama, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzembacher, Olyr Zavaschi, Flávio Porcello, Carlos Fehlberg, Jussara P. Coelho, Luiz Paulo de Pilla Vares, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Luiz Madureira, Roberto Manera, José A. Simch da Silva, Sérgio Caparelli, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Antonio Manoel de Oliveira, José A. Pinheiro Machado, Silvia Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Toniello, Sérgio Becker, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascentes, Edgar Lisboa, Carlos Karnas, Valdir Barbosa Paz, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Mari de Melo, Paulo Macedo, Marco Antonio Schuster, Otília Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Suzete Souza, Carla Irigaray, Tania Barros, Tânia Faillace, Santa Irene da Rosa, Paulo Denis Pereira, Pedro Macedo, Terezinha Figueiredo, Iaraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Alberto Arteche, Neuza Maria Ribeiro, Marcos Antonio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rübenich, Cíntia Leal, Leonardo Berlese Dourado, João Paulo M. Lacerda, Luiz Fernando Silva, Verlaine Silveira, Adroaldo Spindola Correa, Vera D. Barcelos, Sibyla Loureiro, Maria da Graça Seligman, Humberto Andreata, Christa Kuschick, Luiz Carlos Mello, Wladymir Ungaretti, Danilo Miralles, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Feoriano Correa, Milton Machado, Miriam Tereza Chagas de Moura, Paulo Antonio Fogaça, Severino Góes, Fernando Guedes, Maria da Graça da Silva, Walmaro Paz, Ana Elusa Rech, Milton Wels, Maria Helena Brancer, Maria Luísa Paim, Júlio Carneiro Sortica, Ana Maria P. Lopes de Almeida, Edson Chaves Filho, Najar Tubino, Marise de Martini Fetter, Alfredo Fedrizzi, Carlos Dornelles, Ricardo Schmitt, Carmen Laviaguerra Silveira, Nelson Baibich, Francisco Daniel L. Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Teresa Costa, José Emanuel Gomes de Mattos, Maria Eloir da Silveira, Ilza Maria Tourinho Girardi.

FOTOGRAFIA - Ricardo Chaves, Leonid Strelliaev, J.B. Scalco, Carlos Rodrigues, Jaime Klintowitz, Silvio Ferreira, Gerson Schirmer, Olivio Lamas, Sérgio Arnoud, Luís Abreu, Edgar Planella, Assis Hofmann, Antonio Carlos Mafalda, Maria Eneida Serrano, Jacqueline Joner, Afonso Abraham Lheurex, Fernando Augusto Bueno, Hipólito Pereira, Luiz Kozminski e Jurandir Silveira.

ARTE - Ronaldo Westermann, Julieta Nunes Pereira, Leo Tavejnhansky, Ademir Fontoura, Maria da Graça Guindani, Maria Inês Burger, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Bigi Polydoro, Neuza Tasca, Jorge Fernando Gallina, Evaldo José Gonçalves, Carlos Milton de Góz Rios.

CARTUNS - Edgar Vasques, José Guaraci Fraga, Cláudio Levitan, Sérgio Batsow, Virson Holderbaum, Edson Kozminski e Neltair Abreu (Santiago).

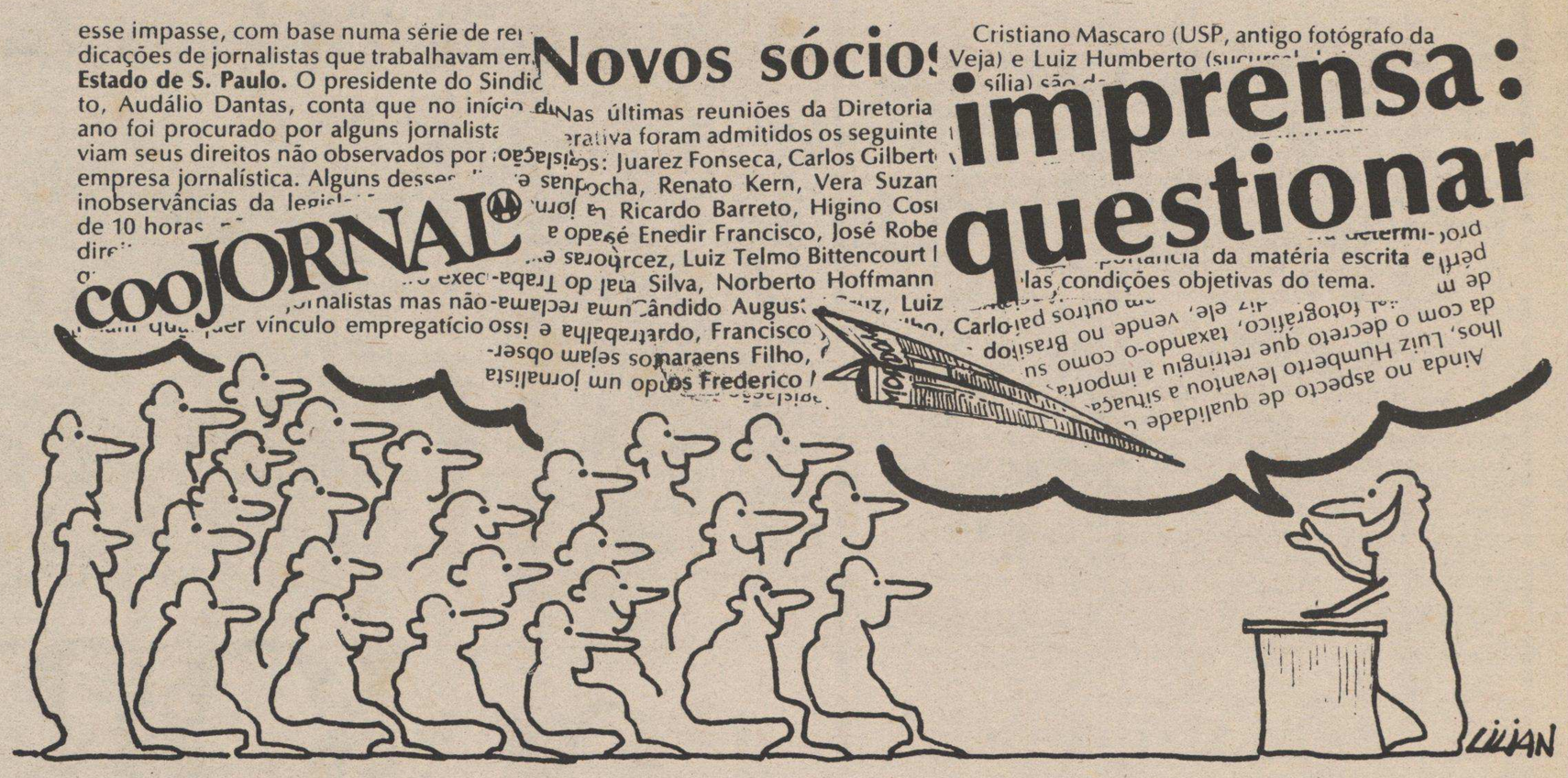
COLABORADORES - José Teófilo Abu-Jamra (economista), Gumercindo Coitinho (advogado), Francisco Lopes (médico), Rômulo Krafta (arquiteto), Valmório Oliveira Rios (publicitário).

CIRCULAÇÃO - Carlos Alberto Wagner

CORRESPONDÊNCIA para Rua Comendador Coruja, 372 Fones 24-0951 e 21-8984, Porto Alegre, RS.

Novos sócios

Nas últimas reuniões da Diretoria foram admitidos os seguintes novos sócios: Carlos Eduardo Fontes Athanazio, Renato Venicius Canini, Wilmar de Oliveira Marques (Wilmarx), Acari Amorim, Waldoar Trindade Teixeira, Nestor Fedrizzi, José Antonio Souza Pinto Netto, Pedro Sosa Pereira, Wilson Silveira de Moura, Ênio Roberto Nugent da Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimarães, Fernando Otávio Fuentes Lindote, Iara Terezinha Schilling Pereira, Mirian Costa Correa e Antonio Carlos Rosito.



Leia o Estatuto antes de votar

A assembléia do dia 16 vai eleger a nova Diretoria e examinar o balanço dos últimos doze meses (matéria na página ao lado). Para que os sócios conheçam seus direitos e deveres, aqui está uma parte do Estatuto:

Devido à realização da Assembléia Geral Ordinária, no dia nove de outubro, estamos publicando parte do Estatuto da cooperativa. Aqui estão os trechos principais que tratam justamente dos direitos e deveres do associado e das normas para realização de assembléias gerais. Cópias de todo o Estatuto podem ser obtidas pelos associados na sede da Coojornal.

CAPÍTULO III

DOS ASSOCIADOS DIREITOS, DEVERES E RESPONSABILIDADES

Art. 3º - - Poderá ingressar na Cooperativa, salvo se houver impossibilidade técnica de prestação de serviços, qualquer pessoa que se dedique à atividade jornalística, publicitária, editorial e afins, dentro da área de ação da sociedade, que possa livremente dispor de si e de seus bens, que concorde com as disposições deste Estatuto e que não pratique outra atividade que possa prejudicar ou colidir com os interesses e objetivos da entidade.

§ 2º - É facultada a admissão de estudantes das faculdades de comunicação social e de profissionais liberais, desde que o número total dos sócios desta categoria não seja superior a um terço dos associados da Cooperativa.

Art. 4º - Para associar-se, o interessado preencherá a respectiva proposta fornecida pela Cooperativa e assinará esta com outro associado proponente.

§ 1º - Aprovada pelo Conselho de Administração a sua proposta, o candidato subscreverá as quotas-partes do capital nos termos e condições previstas neste Estatuto, e, juntamente com o Presidente da Cooperativa, assinara o Livro de Matrícula.

§ 2º - A subscrição das quotas-partes do capital pelo associado e a sua assinatura no Livro de Matrícula complementam a sua admissão na sociedade.

Art. 5º - Cumprindo o que dispõe o artigo anterior, o associado adquire todos os direitos e assume todos os deveres e obrigações decorrentes da Lei, deste Estatuto e das deliberações tomadas pela Cooperativa.

I - O associado tem direito a:

a) tomar parte nas assembléias gerais, discutindo e votando os assuntos que nela se tratarem, ressalvados os casos tratados no art. 22;

b) propor ao Conselho de Administração ou às Assembléias Gerais medidas de interesse da Cooperativa;

c) votar e ser votado para membro do Conselho de Administração ou de Fiscalização da sociedade ou outros;

d) demitir-se da sociedade quando lhe convier;

e) realizar com a Cooperativa as operações que constituam o seu objetivo;

f) solicitar, por escrito, quaisquer informações sobre os negócios da Cooperativa e, no mês que anteceder a realização da Assembléia Geral Ordinária, consultar, na sede da sociedade, os livros e peças do balanço original.

II - O associado tem o dever e a obrigação de:

a) subscrever e realizar as quotas-partes do capital nos termos deste estatuto e contribuir com as taxas de serviço e encargos operacionais que forem estabelecidos;

b) cumprir disposições da Lei e do Estatuto e respeitar resoluções regularmente tomadas pelo Conselho de Administração e as deliberações das Assembléias Gerais;

c) satisfazer pontualmente seus compromissos para com a Cooperativa, dentre os quais o de participar ativamente de sua vida societária e empresarial;

d) concorrer, com o que lhe couber, na conformidade das disposições deste Estatuto, para a cobertura das despesas da sociedade;

Art. 6º - O associado responde subsidiariamente pelos compromissos da Cooperativa até o valor do capital por ele subscrito.

CAPÍTULO IV

DA DEMISSÃO, ELIMINAÇÃO, E EXCLUSÃO

Art. 8º - A demissão do associado, que não poderá ser negada, dar-se-á unicamente a seu pedido e será requerida ao Presidente, sendo por este levada ao Conselho de Administração em sua primeira reunião e averbada no Livro de Matrícula, mediante o termo assinado pelo Presidente.

Art. 9º - A eliminação do associado, que será aplicada em virtude da infração da lei ou deste Estatuto, será feita por decisão do Conselho de Administração, depois de reiterada notificação ao infrator. Os motivos que a determinam deverão constar de termo lavrado no Livro de Matrícula e assinado pelo Presidente da Cooperativa.

§ 1º - Além de outros motivos, o Conselho de Administração deverá eliminar o associado que:

a) vier a exercer qualquer atividade considerada prejudicial à Cooperativa ou que colida com os seus objetivos;

b) houver levado a Cooperativa à pratica de atos judiciais para obter o cumprimento de obrigações por ele contraídas;

Art. 10 - A exclusão do associado será feita:

I - Por dissolução da pessoa jurídica;
II - Por morte da pessoa física;
III - Por incapacidade civil não suprida;
IV - Por deixar de atender aos requisitos estatutários de ingresso ou permanência na Cooperativa.

Art. 11 - Em qualquer caso, como nos de demissão, eliminação ou exclusão, o associado só terá direito à restituição do capital que integralizou, acrescido dos respectivos juros e das sobras que lhe tiverem sido registradas.

§ 1º - A restituição de que trata este artigo somente poderá ser exigida depois de aprovado, pela Assembléia Geral, o balanço do exercício em que o associado tenha sido desligado da Cooperativa.

§ 2º - A administração da Cooperativa poderá determinar que a restituição desse capital e juros seja feita em parcelas iguais e mensais, a partir do exercício financeiro que se seguir ao em que se deu o desligamento.

CAPÍTULO V

DO CAPITAL SOCIAL

Art. 12 - O capital da Cooperativa, representado por quotas-partes, não terá limite quanto ao máximo, variará conforme o número de quotas-partes subscritas, mas não poderá ser inferior a Cr$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros).

§ 1º - O capital é subdividido em quotas-partes de valor unitário igual ao do salário-mínimo vigente no local da sede social, na data da sua subscrição.

§ 2º - A quota-parte é indivisível, intransferível a não associados, não poderá ser negociada de modo algum nem dada em garantia; sua subscrição, realização, transferência ou restituição será sempre escriturada no Livro de Matrícula.

CAPÍTULO VI

DA ASSEMBLÉIA GERAL

Art. 14 - A Assembléia Geral dos associados, ordinária ou extraordinária, é o órgão supremo da Cooperativa; dentro dos limites da Lei e deste Estatuto tomará toda e qualquer decisão de interesse da sociedade e suas deliberações vinculam a todos, ainda que ausentes e discordantes.

Art. 15 - A Assembléia Geral será convocada e dirigida pelo Presidente, após deliberação do Conselho de Administração.

§ 1º - Poderá também ser convocada pelo Conselho Fiscal, se ocorrerem motivos graves e urgentes ou, ainda, por 1/5 (um quinto) dos associados em pleno gozo de seus direitos sociais, após uma solicitação não atendida.

§ 2º - Não poderá participar da Assembléia Geral o associado que:

a) tenha sido admitido após a sua convocação;

b) que esteja na infrigência de qualquer disposição do item II, do artigo 5º deste Estatuto.

Prestação de contas e eleições no dia 16

Nove de outubro é a data marcada para a realização da Assembléia Geral Ordinária da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., que deverá examinar a prestação de contas da atual diretoria, eleger os novos diretores e discutir outros assuntos de interesse da cooperativa.

A assembléia deverá começar no horário da terceira e última convocação (14 horas), quando é certo que haverá o quorum exigido pelo Estatuto, e o local também está definido: será no auditório do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre (16º andar da Galeria Malcon).

O relatório da atual diretoria vai mostrar tudo o que foi feito nos últimos dois anos — do início da cooperativa, que funcionava numa sala alugada e com apenas uma funcionária, até o estágio atual, quando está editando 17 publicações (entre jornais e revistas comerciais e jornais e boletins para empresas) e adquirindo um equipamento de fotocomposição e fotolitagem, no valor total de 550 mil cruzeiros.

Os associados que participaram ativamente da cooperativa ou que simplesmente participaram das assembléias anteriores lembram-se dos motivos que levaram a Coojornal a adiar o lançamento de um semanário, que era o nosso objetivo inicial. Em vez disto, decidiu-se antes montar uma estrutura sólida para a nossa entidade.

O resultado desta política será mostrado aos associados no dia nove de outubro. Hoje a Coojornal tem 270 cooperativados, dos quais pelo menos 30 trabalham diariamente nela, e outros 50 prestam serviços de free-lancer. Seu capital subscrito chega a 850 mil cruzeiros e edita, entre outras publicações, o Jornal do Inter, o Jornal do Grêmio, a revista Agricultura & Cooperativismo (para a Fecotrigo), um boletim e a Revista Brasileira de Planejamento (para o Instituto Brasileiro de Planejamento), o boletim Coopera (para a Cooperativa dos Funcionários da CEEE), o Boletim Informativo União (para a Companhia União de Seguros).

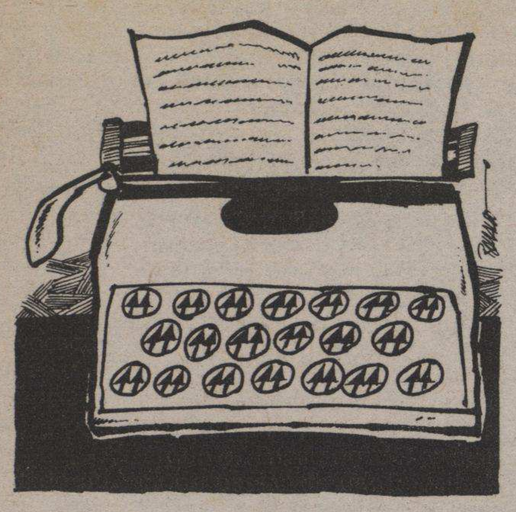
Agora, quando também o Coojornal é lançado nas bancas (veja matéria nesta edição), a idéia continua: o setor de publicações para terceiros continuará a ser incentivado, pois a cooperativa demonstrou que, com o trabalho de seus associados, pode fazer este tipo de publicação com um alto nível de qualidade.

E é dentro deste plano de continuidade que a chapa a ser apresentada pela Diretoria prevê a manutenção de alguns dos atuais dirigentes (dentro dos limites permitidos pelo Estatuto). A nominata foi produto de uma criteriosa escolha feita pelos atuais Conselhos de Administração e Fiscal, com a colaboração do Conselho Editorial (este não é eleito em assembléia geral, mas formado pelos editores e representantes de setores da cooperativa).

Assim, o presidente José Antonio Dios Vieira da Cunha se candidatará à reeleição. Luiz Cláudio Cunha, o atual vice-presidente, preferiu ser candidato a membro do Conselho de Administração; o candidato à vice-presidência é Osmar Trindade. Para secretária, foi indicada a cooperativada Maria da Graça Seligman. No Conselho de Administração, além de Luiz Cláudio, são candidatos: Jorge Olavo de Carvalho Leite, José Guaraci Fraga, Carlos Karnas e Antonio Oliveira. Os candidatos a suplentes são Carlos Henrique Esquivel Bastos, Edgar Vasques, Assis Hoffman, Marcelo Oscar Lopes e Emanuel Gomes de Matos.

Os conselheiros fiscais João Souza e Tomás Irineo Pereira vão se candidatar à reeleição. Seus companheiros de chapa são Alberto André, Agnese Schifino e Sérgio Becker. Para a suplência são candidatos Antonio Firmo de Oliveira Gonzales, Carlos Mossmann, Luiz Carlos Felizardo, Jandira Maria César e Léo Tavejanski.

Participar da escolha dos dirigentes de uma cooperativa é apenas uma das colaborações que cada cooperativado pode prestar. Só participando das assembléias é que cada um estará em condições de compreender o que é a sua sociedade e a colaborar para o seu êxito. É numa assembléia que se tomam todas as deliberações importantes sobre os destinos da sociedade e é nela que os associados exercem plenamente o seu direito de "co-proprietários" da cooperativa. Por isto, esperamos a participação de todos os associados na assembléia marcada para o dia nove de outubro, quando será também estabelecido o plano de ação da Coojornal para os próximos dois anos.



Uma barraca da Coojornal na Feira do Livro

Desde o dia nove de setembro a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., editora de jornais, livros e revistas, é sócia efetiva da Câmara Riograndense do Livro. A partir de agora, a Coojornal se alia ao objetivo maior da Câmara, que é o de "unir todos os que trabalham com o livro e para o livro".

Já na próxima Feira do Livro, que começa no final de outubro, a Coojornal estará participando com uma barraca especializada, que venderá exclusivamente livros de comunicação e de cooperativismo. O associado José Guaraci Fraga ficou encarregado de organizar a participação da Coojornal na Feira do Livro e é para ele que devem ser encaminhadas todas as indicações sobre livros que poderão ser vendidos na barraca.

Em Curitiba, a Cooperativa dos Escritores

Com o objetivo de criar uma alternativa para a edição de livros baratos e ao mesmo tempo distribuí-los e lançá-los nos principais centros culturais do país, foi fundada em Curitiba, Paraná, a Editora Cooperativa de Escritores. Os poetas e contistas fundadores são Domingos Pellegrini Júnior (de Londrina), Reinoldo Atem e Hamilton Faria (de Curitiba), e Raimundo Caruso (de Florianópolis).

Com uma lista na mão contendo os nomes das pessoas conhecidas, os quatro fundadores da Cooperativa de Escritores de Curitiba conseguiram o dinheiro (Cr$ 6 mil) para a edição do primeiro livro: **4 Poetas**, que foi lançado com uma tiragem de mil exemplares e surpreendeu com a venda de 100 exemplares apenas na noite de lançamento.

A curto prazo, a Cooperativa já tem duas metas bem definidas: um concurso nacional de poemas e a edição de uma antologia com 1.500 exemplares contendo poemas selecionados nesse concurso. Em seguida a Editora Cooperativa de Escritores pretende lançar sua segunda antologia de poemas, desta vez o livro **Poema para Certa Canção**, do associado Raimundo Caruso.

A forma cooperativa foi a saída que os poetas e contistas paranaenses encontraram para levar adiante alguns projetos individuais, como, por exemplo, o livro de Raimundo Caruso, no qual ele vinha fazendo um investimento próprio. Agora, deverá editá-lo pela Cooperativa.

APLUB quer dizer tudo certo.
Tão certo como dois e dois são quatro.

A Aplub tem quatro maneiras de deixar tudo certo para você e para as pessoas que você gosta.

1 PLANO PENSÃO
2 PLANO PECÚLIO
3 PLANO APOSENTADORIA
PLANO ACIDENTES PESSOAIS

Todos eles, reajustáveis.
Pense nos planos da Aplub.

APLUB
ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS LIBERAIS UNIVERSITÁRIOS DO BRASIL
Sede: Av. Júlio de Castilhos, 10 Porto Alegre
Filiais em todas as capitais e principais cidades brasileiras.

O aprendizado no dia a dia da cooperativa

Jorge Polydoro, diretor-executivo

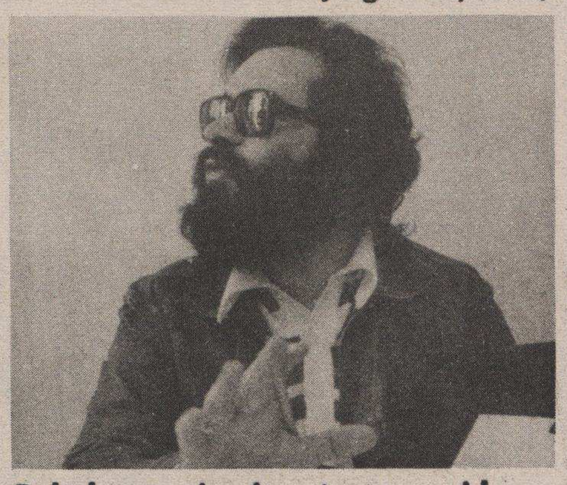
Pode-se dizer que a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre é um empreendimento bem sucedido. Isto deve-se fundamentalmente ao fato de que as pessoas que levaram adiante esta idéia, nascida no primeiro semestre de 1974, conseguiram atingir o objetivo proposto — criar e administrar o seu produto intelectual, o que foi conseguido com o desenvolvimento de um organismo que ao mesmo tempo amplia o mercado de trabalho da classe.

A tarefa mais difícil ao se construir uma organização como a Coojornal não é tanto a montagem de uma estrutura funcional, desenvolvendo setores e funções, mas a reunião de um grupo de pessoas responsáveis em levar adiante a idéia-base histórica junto com um permanente exercício de reavaliação em cima da experiência prática.

O primeiro momento da nossa recente história significou a busca, através de uma forma de associação até então distante e difícil, de uma base para realizar um sonho imediato, o jornal dos jornalistas.

Mas o dia-a-dia nos revelou a cooperativa.

Não era mais um jornal que nos fazia lutar, era a possibilidade real de se criar uma ampla gama de opções para o nosso restrito mercado profissional, uma organização onde cada um tem os mesmos direitos, os mesmos compromissos, a mesma responsabilidade. Onde ninguém ganha por ter dinheiro, mas porque trabalha.



Polydoro: primeira etapa vencida

A cooperativa é uma corporação orgânica, democrática e aberta. Sua estrutura é uma obra a ser desenvolvida e transformada conforme seus movimentos e suas tendências.

No nosso caso, o meio se transformou no fim. Em pouco tempo todos nos convencemos de que mais importante do que um jornal era a própria cooperativa. Assim, embora os perigos que são inerentes a este tipo de organismo (não são poucas as cooperativas que têm direções mais envolvidas com seus interesses pessoais do que com os da cooperativa), a Coojornal soube encontrar o melhor caminho.

É verdade que foi um trabalho árduo. Todas as tarefas estavam centralizadas num pequeno grupo: as pessoas que até há pouco tempo eram apenas repórteres, redatores, editores, fotógrafos, diagramadores, etc., de repente se transformaram em diretores e chefes de departamentos. E a responsabilidade estendeu-se para além da edição, do enfoque ou da correção da matéria. A administração, em seus mais variados níveis, passou a ser também uma preocupação deste grupo, que não parou de crescer desde o início.

Apesar de a cooperativa ainda não possibilitar a ampla participação dos cooperados, já que os mecanismos para venda de sua produção ainda estão pouco desenvolvidos, o número de novos sócios aumenta constantemente. Isto demonstra que o entusiasmo inicial não foi apenas um fenômeno ocorrido naquele agosto de 1974, mas uma certeza de que, apesar das dificuldades e problemas, a Cooperativa dos Jornalistas é uma obra necessária e a ampla participação dos profissionais é a segurança de que os objetivos continuaram a ser perseguidos e alcançados.

Para se fazer um bom jornalismo é necessário que, além de existirem jornais e jornalistas, leitores, talento, mercado, anúncios e tudo o mais que forma o universo de nossos veículos, exista uma decisão e uma vontade de que as coisas ocorram no sentido de perseguir a isenção, a independência e o correto e competente comportamento diante dos fatos, assumindo-se os riscos que isto implica.

A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre não pretende ser a solução para a profissão do jornalista, nem que a sua experiência defina uma proposta que se oponha a tudo o mais que existe como mercado de trabalho. A Coojornal é uma proposta que está sendo testada na prática. Por isto, é muito difícil prever até onde ela pode chegar.

O certo é que a primeira etapa está praticamente vencida. Temos o arquivo, as redações, o departamento comercial, a gerência administrativa e financeira, o setor de circulação, o departamento de arte, o departamento industrial, telefones, telex.

Mais de 60 cooperados estão em permanente atividade, seja em tarefas fixas ou eventuais. Alugamos dois prédios, sendo um de dois andares. Editamos 16 publicações e o Coojornal.

Esta é a última edição do Coojornal como um boletim interno, de quatro mil exemplares. A tiragem sobe para 10 mil e ele vai para as bancas, iniciando uma segunda etapa na história da cooperativa. É o primeiro veículo próprio que chega ao leitor com o que a Coojornal pensa que deve ser, um jornal mensal cuja matéria-prima é a informação.

Nesta página e nas seguintes estão reunidos os depoimentos de cooperados que trabalham na cooperativa e acompanharam o seu desenvolvimento nos últimos dois anos. Tentamos mostrar aqui o que é a cooperativa e o que representa para cada um de nós.

Uma norma: critérios jornalísticos em tudo

Rosvita Saueressig, secretária de redação

O mais difícil para quem se afasta do trabalho diário de jornal é a adaptação para um tipo de comunicação dirigida no qual não existe a instantaneidade do fato, o furo, e, principalmente, a agitação da hora do pique na redação. Depois de um ano de trabalho na Coojornal, já deu para entender, no entanto, que dentro do jornalismo há outras áreas que necessitam da atuação de bons profissionais da imprensa. As dimensões de um trabalho sério e bem elaborado não se limitam nas características do jornal diário, noticiosos de rádio ou televisão. Um boletim pequeno, de oito páginas, com circulação dirigida, também define e contém um trabalho jornalístico. Exemplos disto nós temos diariamente na cooperativa. E, em tudo isto há uma espécie de desafio profissional. Não é só a idéia da cooperativa como instituição de um trabalho comum que precisa ser compreendida e trabalhada. Também a forma de trabalho que nós nos propomos fazer necessita de uma avaliação constante. A mesma seriedade com que se faz um jornal que vai para as bancas deve prevalecer nestas publicações que têm um público específico. Entender de seguros, planejamento, agricultura, esporte, cooperativismo de consumo ou arquitetura obriga àqueles que fazem boletins, revistas e jornais a desenvolver novas formas de linguagem e comunicação gráfica.

As publicações editadas pela Coojornal:

BIU — Boletim Informativo da Companhia União de Seguros Gerais. Todos os editores que já passaram pelo BIU têm a mesma opinião: "É fogo entender de seguros". O desabafo é natural, pois das 12 páginas do BIU pelo menos seis falam especificamente de seguros: como fazê-los, novidades no setor, serviço, curiosidades sobre seguros mirabolantes. Como o BIU não circula apenas entre os funcionários da União e acionistas, mas chega também aos clientes da empresa é necessário transformar a linguagem . excessivamente técnica dos seguros num texto mais compreensível para aqueles que compram apólices. As ilustrações neste tipo de matéria funcionam como um bom apoio para a compreensão do assunto. Uma boa charge resumindo o assunto torna mais leve sua compreensão.

TRIGO E SOJA — Boletim técnico da Fecotrigo. Como se trata de uma publicação dirigida para agrônomos e técnicos ligados às cooperativas filiadas à Fecotrigo, divulga trabalhos e resultados de pesquisas ligadas à agricultura. O texto vem pronto e cabe à Coojornal apenas sua edição gráfica: diagramação, composição, feitura de tabelas e gráficos e a capa. Mas, mesmo nesta publicação altamente especializada, nota-se que deve existir uma preocupação com o texto. Os boletins que contêm os trabalhos redigidos numa forma simples e direta são mais procurados e têm seus números esgotados.

COOPERA — Boletim da Cooperativa de Consumo dos Empregados da CEEE Ltda. Uma das publicações mais bem sucedidas da Coojornal em termos de uma proposta editorial adequada a um público bem específico, no caso, os associados da COOCEEE que se abastecem no supermercado e loja da Cooperativa. Os objetivos iniciais da publicação eram de aumentar o número de associados entre os funcionários da CEEE e explicar os ideais do cooperativismo de consumo. Hoje, o boletim de oito páginas ampliou seus assuntos e faz até uma espécie de defesa do consumidor, criando nos seus leitores o hábito de exigir maior qualidade dos produtos que consomem.

Rosvita: qualidade e critérios

BOLETIM IBP — Uma publicação de oito páginas, mensal, que dá todo o serviço aos associados do Instituto Brasileiro de Planejamento, entidade que reúne planejadores de todo o país e que tem sua sede em Porto Alegre. Além do serviço do IBP, o boletim divulga trabalhos de planejamento preparados pelos sócios do Instituto.

REVISTA BRASILEIRA DE PLANEJAMENTO — Outra publicação do Instituto Brasileiro de Planejamento, com três edições ao ano, dedicada à divulgação de trabalhos de planejamento. O alto nível técnico do material editado exige dos ilustradores da Coojornal um trabalho especial de aperfeiçoamento de recursos gráficos utilizados nos desenhos, com um resultado considerado excelente pelos associados do IBP.

ELETROSUL — Boletim trimestral da Centrais Elétricas do Sul, subsidiária da Eletrobrás, com oito páginas tablóides. Circula entre os empregados da empresa nas diversas usinas da Eletrosul, no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Traz informações sobre a empresa e divulga amplamente as atividades das associações dos funcionários que mantêm correspondentes nestas unidades para o boletim. Outro objetivo da Eletrosul no boletim é dar destaque à questão da segurança no trabalho e, em todas edições, é publicada uma página com orientação para diminuição dos acidentes na empresa. Dentro do Eletrosul sai encartado um boletim de quatro páginas da Fundação de Assistência dos Empregados da Eletrosul (Elos).

BANCÁRIO — Jornal do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre que tem a preocupação de transmitir a orientação de sua entidade em relação aos problemas da classe bancária. Isto é feito de uma forma dinâmica, levantando assuntos polêmicos que possam ampliar a discussão sobre questões como a realidade nacional e problemas da classe trabalhadora. Todas as matérias devem conter muitas informações e dados, além de chamar a classe a uma maior participação no sindicato.

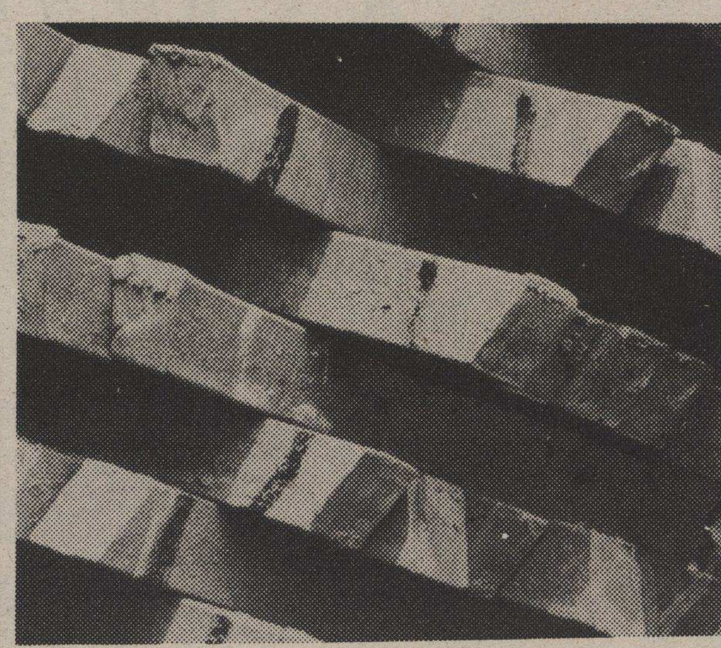
AMRIGS — Jornal da Associação Médica do Rio Grande do Sul, com oito páginas tabletes, mensal. Uma publicação de serviço da Amrigs, que traz também matérias das novidades no setor médico, congressos, viagens e conferências. Dá divulgação às campanhas comunitárias promovidas pela Amrigs, como o combate ao fumo e estudos sobre as causas dos acidentes de trânsito.

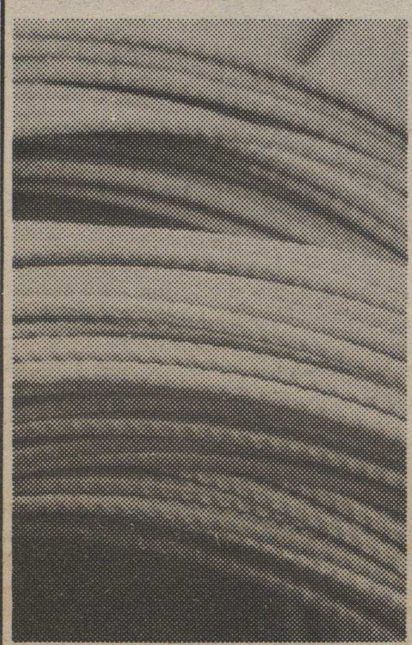
A&C — Revista Agricultura & Cooperativismo, mensal, mínimo de 40 páginas, editada pela Coojornal para a Federação Brasileira das Cooperativas de Trigo e Soja (Fecotrigo). Dedicada aos assuntos de agropecuária e cooperativismo, esta Revista está introduzindo uma nova forma de jornalismo neste setor, que sempre foi abordado por inúmeras publicações. Além da qualidade editorial e da fiel obediência a critérios exclusivamente jornalísticos, A&C tem uma grande preocupação com a linguagem, a forma de se comunicar com os leitores, a grande maioria deles associada às cooperativas filiadas à Fecotrigo.

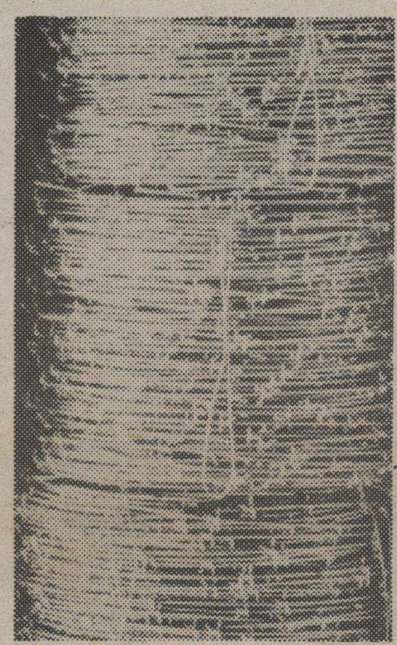
INTER E GRÊMIO — Dois jornais de esportes. O Jornal do Inter, primeira publicação da Coojornal, e propriedade da Cooperativa e definiu um estilo de fazer jornalismo esportivo vinculado a clube sem estar a serviço dos dirigentes mas a serviço do próprio clube e dos torcedores. O Jornal do Grêmio nasceu quase como uma seqüência, com a diferença de pertencer ao Grêmio e por isso mesmo ser mais vinculado ao clube, o que não prejudica os critérios jornalísticos que a cooperativa procura preservar nessas publicações.

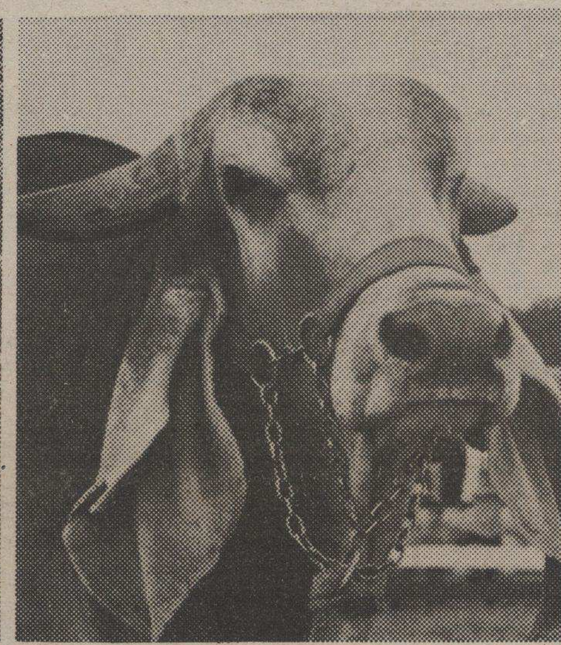
NOVAS PUBLICAÇÕES — Estão sendo preparados os primeiros números de um boletim e uma revista para o Instituto dos Arquitetos e Sindicato dos Arquitetos. O boletim será mensal e a revista sairá quatro vezes ao ano com a orientação de divulgação da arquitetura gaúcha e nacional e matérias sobre urbanismo, meio ambiente e outras preocupações dos arquitetos.

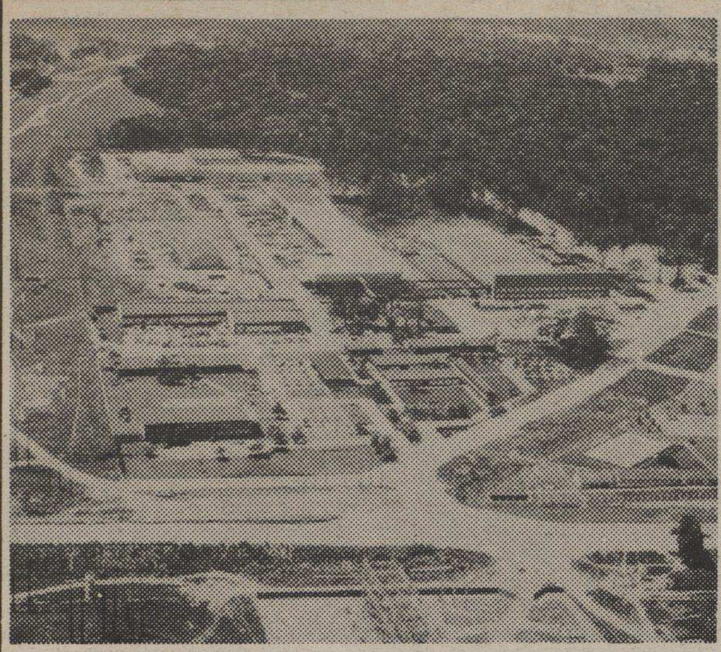
Acreditar no país é semear riquezas em todo o seu território.

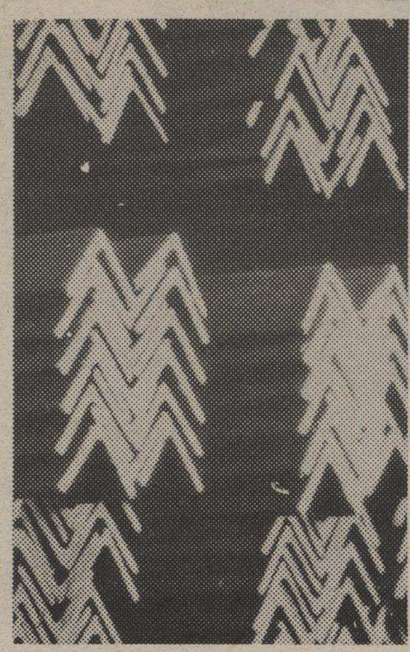


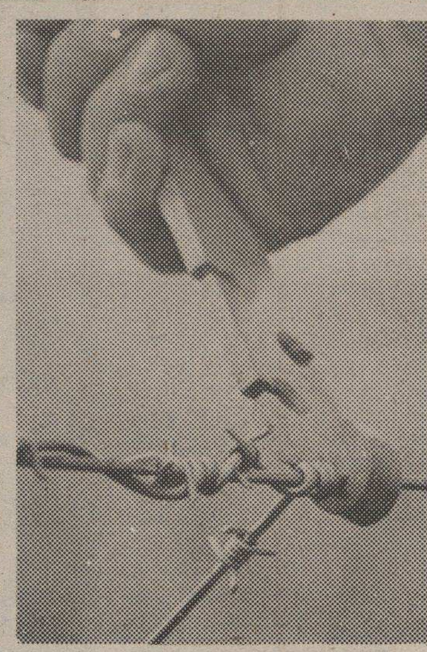












Para o Grupo Gerdau, a força do País está na soma das forças de todas as suas regiões. Por isso, do norte ao sul, distribui suas unidades geradoras de produtos, salários, impostos e riquezas em seis pontos estratégicos do território nacional, para produzir 950 mil toneladas de aço por ano, e atender a setores importantes da economia brasileira, como o da indústria mecânica e da construção civil.

No Rio Grande do Sul, a Siderúrgica Riograndense, com Usinas em Porto Alegre e Sapucaia do Sul, tem hoje uma capacidade de produção de 250 mil toneladas anuais de aço. É a principal fornecedora de produtos siderúrgicos do Sul do País.

A Siderúrgica Guaíra, no Paraná, planeja construir nova Usina em Curitiba e expandir sua produção.

No Rio de Janeiro, a Companhia Siderúrgica da Guanabara - COSIGUA - mais do que duplicou sua capacidade de produção de aço: de 250 mil para 545 mil toneladas anuais, contando agora com uma unidade pioneira de redução direta de ferro.

Duas siderúrgicas no Nordeste. A Açonorte, no Recife, que expande sua capacidade atual de produção de aço para 200 mil toneladas de laminados, e a COMESA, em Maceió, que aprimora seu parque industrial e amplia sua produção.

Novamente no extremo sul, em Porto Alegre, a Metalúrgica Gerdau S. A., a maior fábrica de pregos da América Latina.

Para comercializar os produtos de todas estas unidades industriais, uma empresa com sede em São Paulo e filiais em seis importantes cidades brasileiras: Comercial Gerdau Ltda.

Para o empresário, acreditar no País é gerar pólos de desenvolvimento em toda a sua extensão para dar novas oportunidades de progresso à sociedade. Enfim, descentralizar o crescimento para integrar a Nação e, assim, prover melhores condições de vida às gerações futuras.

Metalúrgica Gerdau S. A. - Porto Alegre
Siderúrgica Riograndense S. A. - Porto Alegre
Comercial Gerdau Ltda. - São Paulo
Siderúrgica Açonorte S. A. - Recife
Cia. Siderúrgica da Guanabara - COSIGUA - Rio de Janeiro
Siderúrgica Guaíra S. A. - Curitiba
Cia. Siderúrgica de Alagoas - COMESA - Maceió

O que é ser repórter dentro da Cooperativa

André Pereira, repórter

"Troteia ou sai da estrada". Um velho guarda florestal do Parque Estadual do Turvo, que conheci recentemente, de apelido Sarampião, aos 70 anos de idade, resume sua filosofia de vida nesta expressão. Para ela existem traduções diversas, mantido o tom proverbial, mais chulas tais como "não emprenha nem sai de cima" e outras de calão ainda inferior que, viciado nas contenções jornalísticas, hesito em escrever.

De qualquer maneira, importa neste depoimento dizer que, muitas vezes, nos primórdios da Coojornal essa filosofia foi seguida à risca, porque havia muito trabalho e poucos operários. Mas, com sua rigidez, esqueceu-se coisas importantes como a divulgação do princípio cooperativista. Assim, posso afirmar que para inúmeras pessoas tudo aconteceu ao nível intuitivo. Hoje, passado um ano e sete meses desde que me cooperativei e iniciei a prestar trabalhos na casa, está se tentando formar um grupo para estudar cooperativismo e ostentar um embasamento teórico, essencial para a ação prática da cooperativa e para o próprio cooperativado.

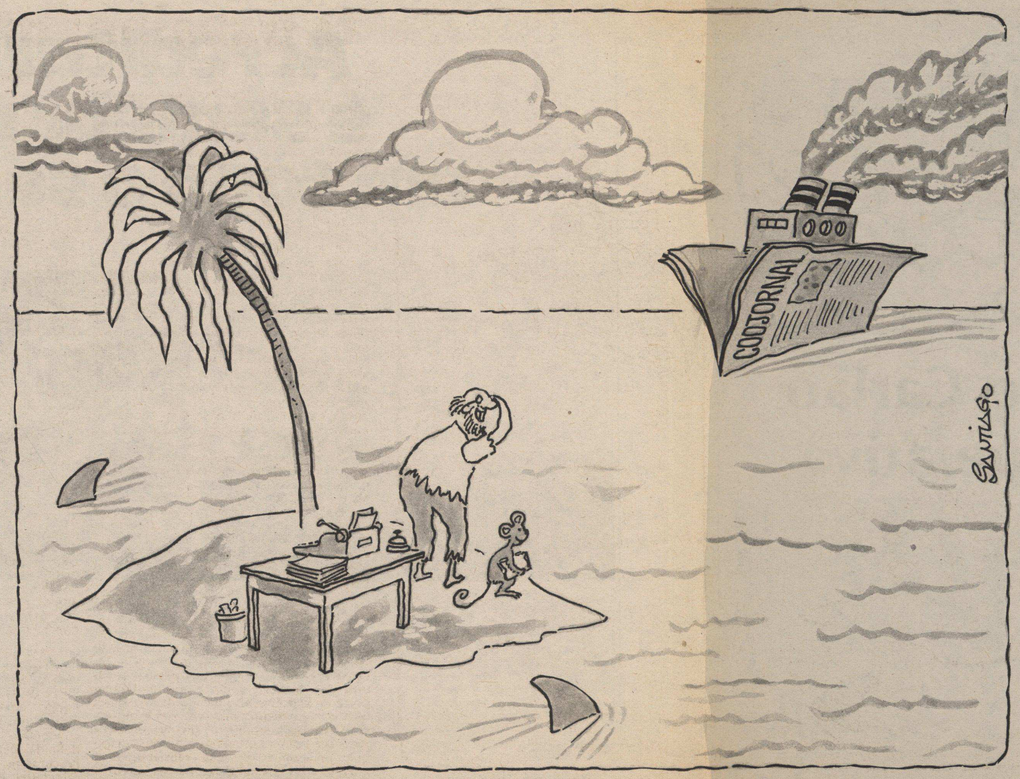
Perdi as contas das vezes em que, acusadoramente, me cravaram perguntas como "Cadê o profissionalismo? Tu não ganha nada na cooperativa, como é que quer falar em mudanças do mercado, jornalismo decente?". Argumentei, esperneei tentando explicar o que era cooperativismo, até darme conta de que havia uma mentalidade suficientemente sólida para decretar o fracasso do meu rebate. O modelo que todos conheciamos era o que tinhamos vivido nos diários de nossas empresas comerciais, quando empregados do dr. Sirotski ou do dr. Caldas, onde se é remunerado para produzir uma cota de trabalho geralmente maior que a estabelecida em nossos contratos, obedecendo uma operação que chamamos profissionalismo. Como nossas duras cabecinhas podiam admitir um modelo diferente, em um tempo em que nós, jornalistas, somos substituídos por relises, por pautas dirigidas, por autocensura, censura e outras limitações com que convivemos diariamente? Nossas duras e burguesas cabecinhas estavam mais preocupadas — confessemos — em tratar de aumentar o salário, chegar a um cargo de editor ou de "fazer um nome" para merecer um valor maior no minguado mercado de jornal de Porto Alegre. Em resumo, nossas cabecinhas giravam em busca de uma afirmação pessoal, de um universo individualista, repleto de pequenos mitos e grandes fofocas em que o próprio jornalismo, teoricamente o mais importante em um meio jornalístico, caia para um triste secundarismo.

A cooperativa, é óbvio, não poderia pulverizar os vícios cultivados por seus associados. E daí às confusões, geradas pela ótica com que nos acostumamos a encarar o jornalismo, o passo foi pequeno. É com sincera alegria que vejo, hoje, grupos de estudos se formando aqui dentro, para estimular discussões, palestras aos sábados, fecundas reuniões de pautas ou um ativo conselho de repórteres se firmando, com autonomia e ingerência na linha editorial da cooperativa. Há ainda, evidentemente, posições indecisas. Tem gente trabalhando na cooperativa porque o mercado não abre brechas, simplesmente por isso. De qualquer maneira, a cooperativa — é preciso admitir — pouco se preocupou em esclarecer, aos candidatos a associados, quais os princípios cooperativistas que a guiam, quais os direitos e os deveres de um cooperativado e o que é realmente cooperativismo. Discute-se isso até hoje na Coojornal, muitos indagando se não deveria partir do cooperativado a iniciativa de procurar essas informações. Mas de um modo geral, os repórteres que prestam serviço mais freqüentemente à cooperativa, foram aprendendo, à porrada, que é muito diferente trabalhar na Coojornal.

Não se é, jamais, um simples repórter como acontece nos diários em que nossa tarefa termina quando entregamos a matéria ao chefe de reportagem. No começo por falta de gente, outras vezes por escolha pessoal, legendamos, titulamos, trabalhamos ao lado do diagramador, escolhemos fotografias com o fotógrafo ou sugerimos uma ilustração ao setor de arte, quando não servimos de motoristas em viagens ou quando não capinamos o pátio do terreno ocupado pela Coojornal. E capinar o pátio não é uma metáfora. Recentemente, na falta de um palestrante de sábado, o jeito foi pegar coletivamente na enxada. Marcelo Oscar Lopes, da sucursal de O Globo, editor do Lampião e cooperativado que freqüenta a casa diariamente, exultou quando soube da proeza, localizando na capina um inequívoco, embora incipiente, espírito cooperativista. Eu acrescento para ilustrar que, muitas vezes, intransigentes colorados, ou fanáticos gremistas, dedicam-se ao baixamento da publicação de cores clubísticas opostas às suas, torcendo antes de mais nada pelo time da cooperativa. É claro que não se habita uma ilha de tranqüilidade. Uma reunião de repórteres, realizada religiosamente às 10 horas das quintas-feiras, testemunha que temos que trilhar um longo caminho. Críticas viscejam nestas cálidas manhãs. Não possuímos uma tabela de free-lancers definitiva; a remuneração normalmente está condicionada ao pagamento do cliente; não temos discutido criticamente a linha de nossos jornais; os repórteres novos não recebem a orientação que a faculdade deixa de lhes dar; poucos estão fazendo o que gostam; e todos estão ganhando mal, tomando-se como parâmetro o mercado atual. Como esconder tudo isso? Mas o que os repórteres têm com isso? Na cooperativa, têm obrigação de discutir estes assuntos, de se interessar por tudo que acontece com os demais colegas porque a atitude de um envolve, necessariamente, o respeito aos outros cooperativados. O repórter Marco Antônio Schuster, por exemplo, veio para a cooperativa depois do fechamento do efêmero Hoje "por causa do semanário". Atualmente admite que o sonho do semanário deu lugar à realidade da cooperativa. "Não sei se a cooperativa crescerá tanto para concorrer com a grande imprensa. Mas acho que ela precisa se tornar uma nova e boa opção de mercado", diz Schuster. "E que tenha gente que realmente pretenda alguma coisa a mais do que 'garantir o leite das crianças' e que não se finja de vítima".

A repórter Lenora Maria Vargas costuma dizer que trabalhar na cooperativa "exige muita, mas muita paciência porque a gente sempre esteve acostumado a esquemas prontos já executados por uma infra-estrutura empresarial". Mas ao lado desse esforço, Lenora considera como fator positivo "a possibilidade permanente de discutir o que se faz e de criar coisas". O mais difícil em tudo, para Lenora, é compreender e aceitar que no momento em que o repórter "está na rua suando por um dado, fazendo uma entrevista que não gosta, o uso deste dado ou desta entrevista vai reverter em benefício de todos os cooperativados". Elaine Lerner não sabe sequer como classificar seu cargo na cooperativa, mas nós, seus colegas, costumamos chamá-la "meia-cancha", tentando definir suas múltiplas atividades de repórter, subeditora de boletins e redatora de circulares. Elaine afirma que está na cooperativa por acreditar nela. "A Coojornal pode e deve fazer o jornalismo honesto que está faltando na chamada grande imprensa", diz ela. "Além do mais, embora fazer boletins não seja o ideal, em termos profissionais, acredito que se possa fazer esse tipo de coisa bem feito". Marina Wodtke, outra "meio-campo" da casa, relembra o nascimento da Coojornal como um momento de descrença nas empresas jornalísticas. "Hoje acredito que, por enquanto, tem que ser usada a tática chinesa: ter paciência para se conseguir fazer alguma coisa realmente boa", diz ela. "Não é nada gratificante ter que suportar clientes chatos e exigentes mas ao olharmos o futuro, acreditando nele, a gente atura". A Vera Costa, responsável pela edição de "O Bancário", acha importante no trabalho que os repórteres da casa executam "o acúmulo de experiência" conseguido às custas da multiplicidade de tarefas. "Como na Coojornal essas tarefas não são estanques, um repórter sabe editar, legendar, titular, pode até aprender diagramação e, conseqüentemente, adquirir um maior conhecimento, aperfeiçoando-se profissionalmente", diz Vera. "O principal é que não persistimos no erro de centralizar o conhecimento profissional mas sim de ampliá-lo a todos".

Opiniões é o que não falta na casa. Eu me contento em renegar a filosofia do velho Sarampião em troca de uma reflexão maior sobre os objetivos e os ideais da cooperativa e do que significa um trabalho cooperativo. Ser repórter aqui é exatamente isso: preocupar-se tanto com a qualidade de uma matéria quanto com a estrutura que estamos ajudando a criar.



Repórteres, fotógrafos, diagramadores, ilustradores, executivos, produtores: todos reunidos no desenvolvimento de um trabalho comum

O trabalho: mais rico, completo

Nilson Figueiredo, diagramador

Quem conhece a cooperativa, mas principalmente quem atua e vive a cooperativa, sente que a atividade aqui dentro exige uma atitude mais completa e mais rica frente ao trabalho que se realiza. A execução do trabalho e a sua discussão se encadeiam, se completam e torna-se possível acompanhar e influir no seu desenvolvimento. Adquire-se um controle sobre o trabalho que não se havia experimentado nos jornais ditos grandes.

E isto começa a exigir também mudanças nas pessoas que aqui trabalham, individualmente e como grupo. Como trabalhar em equipe, como atuar dentro desta equipe, a importância das tarefas individuais para a concretização do trabalho de todos. Quando um trabalho que envolve bastante gente e esforço é concluído, fica claro que o resultado é bem maior que a simples soma dos trabalhos das pessoas individualizadas; o que ele tem a mais é exatamente a parte do grupo como um todo, das discussões e reformulações. Um churrasco, então, reúne a satisfação e a alegria dos que trabalharam.

Na cooperativa, pela maneira como é encarado o trabalho em uma cooperativa, o grupo é responsável pelo trabalho realizado. Não existe uma figura que encarne esta responsabilidade. E isto dá motivo para as pessoas se questionarem e se colocarem melhor frente ao trabalho. Nas empresas, e todos os que trabalham aqui passaram por alguma, esta atitude não é sentida como necessária nem desejada pela empresa; pode acontecer a nível individual ou de um grupo pequeno — que logo começará a sofrer pressões e não continuará trabalhando junto por muito tempo dentro da empresa. Num trabalho que se propõe cooperativo isso é imprescindível e o esforço é feito no sentido das pessoas sentirem isto o mais rápido e profundamente possível. Esta mudança de atitude não é fácil nem direta. Encontramo-nos com as nossas deficiências, pessoais e do grupo, e a superação delas junto com o trabalho diário que realizamos dá uma satisfação bem grande. O trabalho deixa de ser **tarefa** e passa a ser **atuação** dentro da cooperativa. Esta mudança é tão forte que contagia mesmo funcionários que não são cooperativados e que, friamente, seriam apenas empregados da cooperativa.

O crescimento da cooperativa, como estrutura e como grupo, é outra vivência densa que temos. A cooperativa começou com idéias, força de trabalho e poucas possibilidades imediatas de realizá-las. De lá para cá vem, com trabalho, possibilitando que mais idéias se realizem em mais trabalho, e isto nos fortalece.

Nilson: como atuar em equipe

Os erros que cometemos pela inexperiência em alguma atividade são bem curtidos e em cima disto aprendemos a fazer as coisas melhor adaptadas à nossa realidade de cooperativa. A organização do que fazemos surge com a necessidade de tornar mais prática e fácil a transmissão do conhecimento sobre a nossa atividade. A cooperativa cresce e se organiza a partir das pessoas que vêm trabalhar com a disposição de se transformarem e se capacitarem para o seu trabalho. A autonomia e a visão do desenrolar de todo o trabalho cresce junto com a interdependência de quem toma parte nele. E aprimorando o conhecimento das pessoas, sua ligação com o trabalho e o grupo, vamos fortalecendo a cooperativa, já que a importância do grupo supera a de uma pessoa individualizada.

Para desenvolvermos e conquistarmos um trabalho temos contado basicamente com a qualidade e a competência. E na busca diária desses elementos vamos encontrando uma maneira nossa de fazer as coisas, uma maneira que nos particularize. A cooperativa tem uma linha gráfica bem definida pelas publicações que fazemos. Procuramos fazer um projeto gráfico que caracterize e se adapte a cada publicação, mas certos conceitos são comuns. A valorização da foto como informação, uma utilização bem maior do desenho, a preocupação com o entrosamento entre o aspecto gráfico e o sentido da informação, o cuidado mais severo com os detalhes, os fios, os títulos, as cartolas. O trabalho é realizado sempre contando com a possibilidade da alteração dos elementos — a matéria pode ser refeita, assim como a ilustração ou a página — e este tipo de preocupação começa a despertar a atenção do editor, do diagramador, para detalhes antes despercebidos: o corte correto na foto, o título bem dividido e tal. Como se tem a predisposição e se sente a necessidade de **editar** todo material, o trabalho é bem analisado entre quem redige e edita e o diagramador, para ser bem planejado e não simplesmente cortar 15 linhas do fim na hora de baixar.

Desse maior entrosamento entre o pessoal do texto, o fotógrafo, o ilustrador, o diagramador, o montador, surge uma troca de conhecimentos e de interesses, o que facilita e enriquece o trabalho, pois ele conta com a preocupação de mais gente em toda sua elaboração.

Então, com tudo isso, um cara como eu, que iniciou a diagramar num jornal diário, onde a preocupação com essas coisas na maioria das vezes não passa de preocupação, onde o controle sobre o trabalho é mínimo, ao trabalhar numa cooperativa vê que as coisas básicas, o fundamento do que mereça se chamar trabalho, precisa ser aprendido ou reformulado. E no dia-a-dia, pela necessidade e pela possibilidade de ver o texto, orientar a montagem, ir na gráfica ver o fotolito, discutir o desenho e a foto, alterando o que for necessário, essa aprendizagem continua e se desenvolve. Além do mais, cada publicação exige um **projeto** gráfico, tem suas características e o diagramador tem que continuamente reavaliar sua maneira de fazer as coisas, mantendo uma identidade mas não repetindo fórmulas. Quando uma publicação começa a **cansar**, chega a hora de fazer mudanças mais substanciais, da forma de encarar os assuntos à apresentação gráfica, passando mesmo pela equipe.

A preocupação com a qualidade torna-se parte do trabalho e o acompanha desde o planejamento até depois da impressão. Conseguimos corrigir alguns erros e pelo menos não repeti-los, já que aprendemos com eles.

Na produção dos trabalhos temos ainda grandes problemas com a composição do material: são poucos os que fazem como precisamos e os prazos que pedem são excessivos. Com o Núcleo Industrial — as máquinas de fotocomposição e de fotolitagem —isto será minimizado; teremos mais gente trabalhando conosco e ampliaremos nossa autonomia.

Para terminar, é claro que essas coisas todas que foram alinhadas não acontecem automaticamente ou fruto de um consenso imediato. Como cooperativa que somos, é no trabalho de sempre, na discussão das nossas divergências, no convívio e no desenvolvimento do nosso relacionamento pessoal que vamos crescendo e progredindo como cooperativa e como pessoas humanas.

O começo, quase uma aventura

Luís Alberto Arteche, repórter

Em primeiro lugar é preciso dizer que cheguei até a Faculdade de Jornalismo simplesmente por gostar mesmo de jornal. Nunca pensei em trabalhar em jornal já que sabia como estava o mercado de trabalho, as dificuldades que encontraria, principalmente para iniciar na profissão. Mas através do Paulinho Fumaça ou Paulo Louco (1) (serve qualquer um já que ele é as duas coisas) cheguei até o Jornal do Inter que estava para ser lançado e precisava de um repórter. Aí deu o que deu. Juntaram jornal com o Colorado (duas coisas que me amarro) e acabei ficando quase dois anos no Jornal do Inter.

O começo foi na raça e na vontade mesmo. A gente fazia a entrevista, redigia (normalmente quatro vezes para chegar perto do que o Bicudo (2) queria), levava a matéria para ser composta, esperava dentro do carro que a composição ficasse pronta, trazia para a montagem e depois levava para a Zero Hora para ser impressa. A todas estas eram cinco ou seis horas da manhã e a gente ainda tinha que esperar o jornal chegar aqui para colar etiquetas e, muitas vezes, levar as cortesias até o correio. Mas quando saía o jornal, mesmo com os inevitáveis erros que aconteciam, para mim, pelo menos, era sensacional.

Isto durou mais ou menos uns três ou quatro meses. Não podia mesmo durar mais porque tava todo mundo de língua de fora de entrar sempre na madruga para que o jornal pudesse rodar no dia marcado. Foram feitas várias reuniões e resolvido que a equipe teria que ser aumentada para que se fizesse realmente um jornal quinzenal, já que estávamos em ritmo de jornal diário. Aos poucos então foram sendo acrescentados novos trabalhos e acabou acontecendo a criação da Coojornal.

Arteche: a quase aventura

Não foi aí que as coisas funcionaram como se esperava. Em todas as reuniões de pauta a gente fazia planos de entrega de matérias até tal dia, mas na hora, tudo voltava a ser como antes. Era na última hora e correndo. Buscaram então o Capitão Froner (3) da imprensa gaúcha. E foi com ela que as coisas começaram a entrar nos lugares. As matérias tinham prazo determinado para serem entregues e realmente eram entregues.

Tudo isto sem falar nas outras modificações que aconteceram dentro da Coojornal desde a sua criação. No início, todas as edições do JI eram diagramadas pelo Polidoro porque os diagramadores não podiam abandonar seus jornais para virem trabalhar conosco. Na última hora corria o Poli para fechar o jornal e, às vezes, quando já estava rodando, ia a página central que ainda faltava diagramar.

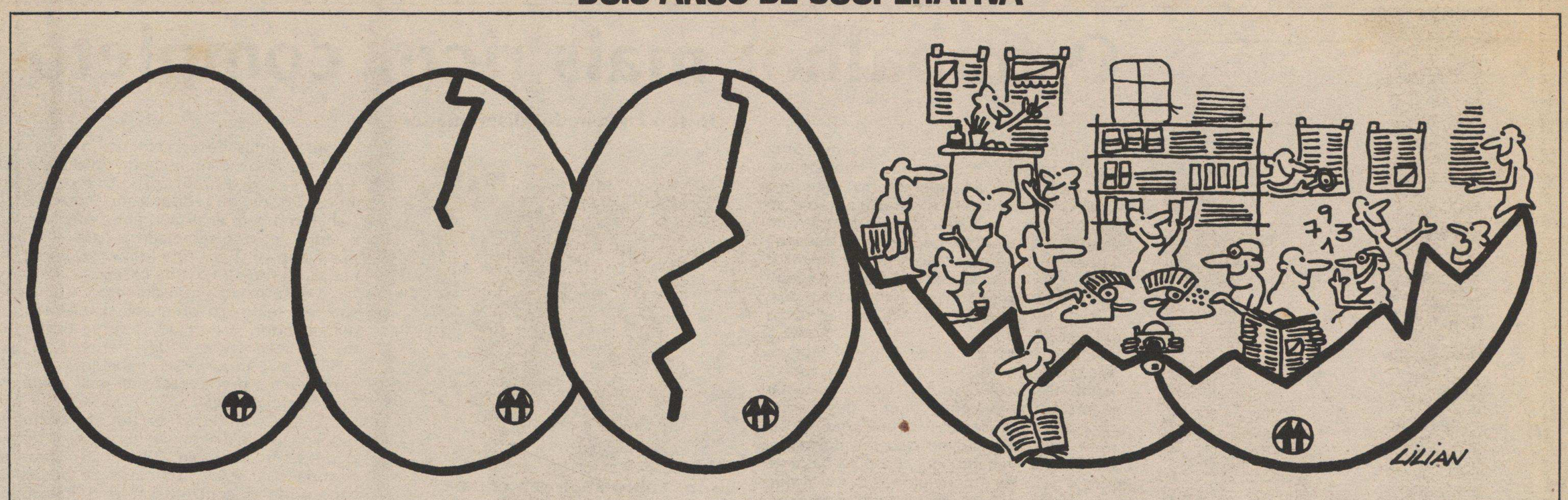
Tudo isto era legal para a gente que gostava de ficar trabalhando até mais tarde, mas em termos de organização realmente não funcionava. As transformações foram acontecendo e hoje, eu mesmo, que agora não vou mais na Cooperativa diariamente, me surpreendo com as coisas novas que vão sendo criadas a cada dia. A sala da revisão, por exemplo. Quem fazia este trabalho era, geralmente quem redigia a matéria ajudado por alguém que estivesse aqui sem fazer nada. Sem falar na parte administrativa da Coojornal, que foi estruturada e que existe realmente.

Pode ser que seja entusiasmo por uma coisa que vi nascer e pela qual dei um pouco do meu trabalho, mas quem viu as condições iniciais de trabalho que tínhamos e chega aqui agora, só pode mesmo ficar certo de que mais um tempo e a gente vai alcançar todos os objetivos a que nos propusemos quando foi fundada esta Cooperativa. Basta dizer que começamos aqui umas cinco ou seis pessoas. Agora não sei a quantos jornalistas esta casa já dá trabalho. E o mais importante, trabalho discutido, conversado e analisado não só por editor mas também pelos repórteres que pesam tanto quanto seus editores aqui dentro.

(1) Paulo Gerson Antunes de Oliveira, repórter do Jornal do Inter.

(2) Elmar Bones, editor do JI na época citada.

(3) Rosvita Saueressig Laux, secretária de Redação da Coojornal.



Sem queixas, o começo difícil

Lilian Bem David, diagramadora

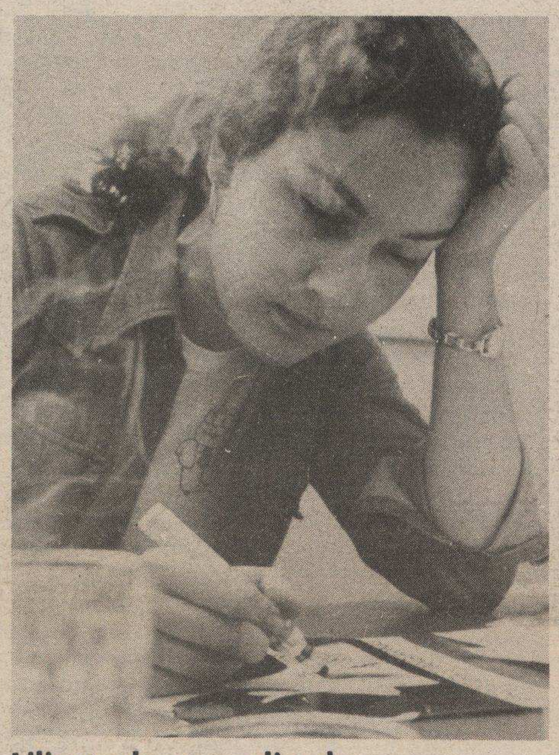
Trabalhar com autonomia é o sonho de todas as pessoas. Poder falar suas opiniões, reclamar e ser ouvido, participar de um grupo ativamente, realizar um trabalho verdadeiramente de equipe.

Quando comecei a trabalhar na Editora Verbo, em 1974, não imaginava que, menos de um ano depois, ela passaria a pertencer à Cooperativa dos Jornalistas. Com a cooperativa, surgiu um novo posicionamento diante do trabalho. Eu continuei trabalhando no setor de arte, mas com uma visão bem mais abrangente do que seria o meu trabalho - passei a participar de um grupo que tinha um objetivo comum: fazer um jornal de jornalistas, onde cada pessoa possuísse uma parcela de decisão.

O começo foi muito difícil, porque eram poucas pessoas trabalhando muito, e foram muitas as madrugadas em que fechávamos o Jornal do Inter comendo apenas sanduíches que alguém ia buscar. Naquele tempo, a cooperativa ocupava apenas quatro salas da atual sede, que logo será apenas uma parte de nossa sede total. A Cooperativa cresceu muito rápido. Ao pequeno grupo do começo foram se somando muitas outras pessoas que hoje são indispensáveis em seus setores. Já estamos com 17 publicações e vêm vindo outras. Isso tudo em dois anos.

Na cooperativa de um ano atrás os salários atrasavam, havia uma série de problemas, mas ninguém se queixava. Todo mundo entendia que havia um objetivo maior a ser alcançado. E agora, quando o Coojornal vai às bancas, e quando já possuímos nosso telex e novos equipamentos de composição e fotolitagem, já existe uma certeza do que antes não passava de planos. E planos é que não faltam.

Dentro de meu setor tenho desenvolvido



Lilian: planos realizados

meu trabalho cada vez melhor, graças à quantidade de trabalho que aparece. Principalmente dentro da área de planejamento gráfico, aliás pouquíssimo desenvolvida no sul do país. Aqui na cooperativa aprendi a trabalhar nessa área com o Polydoro, que teve uma paciência danada. Mais tarde comecei também a diagramar e continuei com a arte-final, ilustração e os cartuns. Provavelmente em nenhum outro lugar eu poderia ter um trabalho tão diversificado. Apesar de toda a correria e confusão que ainda acontece de vez em quando é compensador trabalhar entre pessoas amigas e não num lugar onde um patrão carrancudo me mande parar de tomar tanto cafezinho...

Carlos, o Carlão da Cooperativa

Carlos Milton de Gós Rios, o "Carlão", de 20 anos, trabalha no setor de produção da cooperativa. Talvez por isto ele, que não é cooperativado, foi um dos que mais vibrou com a compra do equipamento para fotocomposição e fotolito e com a formação do Núcleo Industrial (já conhecido por NI).

Como produtor, Carlão também é responsável pelo controle da composição, fotolitagem e impressão de cada publicação, serviços que atualmente são feitos em diversas gráficas, encarecendo e dificultando bastante o trabalho do setor gráfico da cooperativa. "Isto deixa o trabalho muito mais caro, às vezes até antieconômico", explica Carlão, "porque há pelo menos três intermediários tentando lucrar em cima de nós. Mas com o NI só vamos depender de terceiros para a impressão".

Ele trabalha na Coojornal desde o tempo em que a única publicação que existia era o Jornal do Inter. E diz que tem boas e más recordações daqueles tempos:

— Agora, quando chego em qualquer gráfica, já sou conhecido como o Carlão da cooperativa. Mas no início era comum o pessoal pensar que a gente era picareta. Nós tínhamos que correr atrás das gráficas e insistir para aceitarem algum trabalho nosso. Eles nunca entenderam o que é a cooperativa. Eu sempre explicava e continuo explicando.

Afinal, naquele tempo muita coisa era improvisada. "Nós não tínhamos nem mesa de montador e trabalhávamos só com uma lâmpada amarela", conta Carlão, para explicar as dificuldades na montagem de cada jornal. "Mas aos poucos isso foi mudando. Agora até conseguimos fazer um cronograma, com a previsão dos trabalhos que precisam ser feitos. Acho até que quando tivermos o NI vou ter direito a uma mesa para poder controlar e organizar melhor tudo".

"Carlão, tem boca na cooperativa?" Essa é uma pergunta que ele já se acostumou a

Carlão: testemunha das mudanças

ouvir faz alguns meses e por isto gosta de lembrar do tempo em que foi difícil achar um montador para substituí-lo nesta que foi sua primeira função na Coojornal. "Mas agora", diz satisfeito, "eu estou ajudando a fazer a seleção para ver quem vem trabalhar aqui, porque não é para qualquer um não".

O trabalho fora de hora e mesmo nos fins de semana, e as madrugadas passadas ao lado de rotativas, para controlar principalmente a impressão do Jornal do Inter, do Jornal do Grêmio e do jornal "O Bancário", não são suficientes para tirar a disposição de Carlão.

— Eu fico acompanhando os erros em cima da máquina. Os caras não têm interesse em fazer as coisas muito certas. Por exemplo, eles não cuidam do papel da impressão. Afinal, o papel é nosso e não deles. Agora com essa fiscalização estamos conseguindo fazer quase dois jornais com a mesma quantidade que era usada para fazer apenas um. O bom de tudo isso, depois de passar uma madrugada trabalhando, é chegar em casa às dez da manhã, de jornal em baixo do braço.

A lenta reação no meio publicitário

No início, tudo foi muito difícil. E com o Departamento Comercial não poderia ser diferente.

O mercado publicitário gaúcho custou a reconhecer a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, e, ainda hoje, alguns publicitários se comportam com muita morosidade e cautela em relação à Coojornal.

O boletim Coojornal, mais o trabalho diário do publicitário Gabriel Mathias, foram importantes na tarefa de modificar este tipo de comportamento. Hoje Mathias diz que a situação é bem diferente. O relacionamento da Coojornal com as agências melhora a cada dia, e uma recente viagem a São Paulo, feita no início de agosto, deixou-o ainda mais animado.

O objetivo principal da ida a São Paulo era a venda de espaço e promoção da revista "Agricultura e Cooperativismo", que a Coojornal edita para a Fecotrigo (Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja). Com a receptividade encontrada junto

Mathias: trabalho paciente

às agências, Mathias acabou trazendo autorizações de anúncios e contratos não só para a revista, como também para os dois jornais de esporte (do Inter e do Grêmio). Para ele, a razão do sucesso é simples: os publicitários paulistas demonstraram maior sensibilidade e acreditaram logo nos veículos da cooperativa.

Jornalista, relações públicas e publicitário, Gabriel Mathias começou a trabalhar na Coojornal em dezembro, para dar uma orientação, "uma olhada", como lembra, e talvez organizar o Departamento Comercial, que na época se resumia na venda de espaço no Jornal do Inter. Gostou e ficou.

E agora o trabalho é bem maior. Dois contatos e uma secretária trabalham na comercialização do Jornal do Inter, do Jornal do Grêmio, da revista Agricultura e Cooperativismo, da Revista Brasileira de Planejamento (do Instituto Brasileiro de Planejamento) e de outra revista que será editada para o Instituto dos Arquitetos do Brasil, além do Coojornal.

"Agora já somos recebidos como elementos da cooperativa. Isso é muito bom", diz Mathias, satisfeito porque há algum tempo poucos conheciam a Coojornal. "O número de cooperativados, e os bens que possuímos, como o telex e os equipamentos de fotocomposição e fotolitagem, representam muito perante o mercado publicitário".

Apesar de tudo, resta uma queixa: Mathias diz que os mídias trabalham em função de duas grandes empresas jornalísticas, e isso torna o serviço de criação mais fácil e mais barato. Há tabelas que englobam vários veículos de uma mesma empresa e o fotolito ou o clichê já nem são retirados da empresa.

Além da diminuição de custos, a conseqüência mais imediata disto é a existência do mídia contábil: "Este tipo de mídia está substituindo o mídia criativo. É muito mais fácil e mais barato trabalhar assim. Porque ele está programado para pensar inclusive em termos de orçamento e não de criação".

Mathias entende que esta é uma das razões que contribuem para que os jornais da chamada imprensa nanica não tenham muitos anúncios. "Mas quem compra esse tipo de jornal tem um certo grau de cultura e poderia ser um ótimo público para as agências em termos de consumidor", garante.

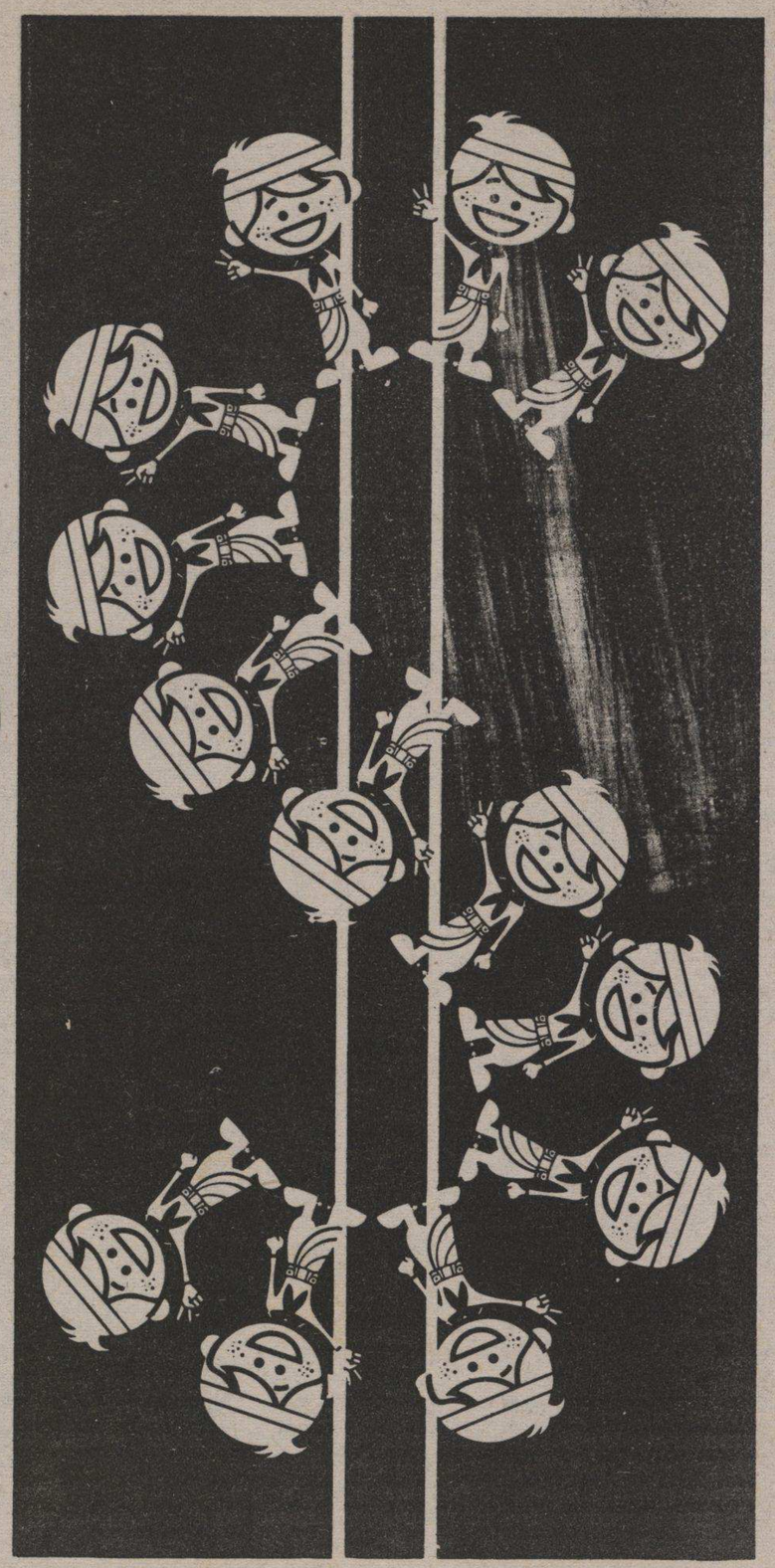
Lucro líquido e certo.

Abra uma Caderneta Apesul de Poupança. Você recebe dividendos, correção monetária, abatimento no Imposto de Renda, livre movimentação e garantia do Governo Federal.

Dinheiro na Caderneta Apesul de Poupança é isto: lucro líquido e certo.

Certo?

Caderneta APESUL de Poupança

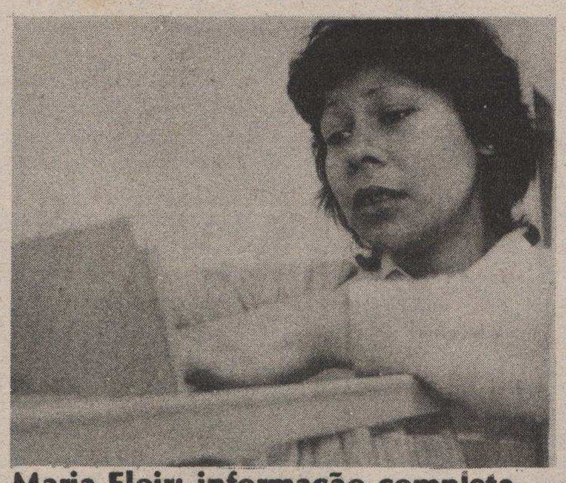


marca

A pesquisa, para qualificar a notícia

Maria Eloir da Silveira, arquivista

O arquivo, quando funciona integrado com o resto do jornal e com a finalidade de pesquisa e enriquecimento dos textos, traz várias vantagens para a qualidade da informação. Como disse João Aveline, chefe de reportagem da Zero Hora, depois do advento do rádio e da televisão, ou seja, da instantaneidade da notícia, os jornais deveriam encaminhar-se automaticamente para a pesquisa, aliás, um recurso que a televisão tem utilizado muito e que os jornais deveriam utilizar muito mais, conforme ele lembrou.



Maria Eloir: informação completa

Euclides Torres, da central de notícias da Caldas Júnior faz a seguinte colocação: "Os jornais de hoje ignoram o ontem, deixam o leitor perdido e isso se nota em todos os jornais do Rio Grande do Sul, com exceção das notícias internacionais enviadas por agências.

Um exemplo próximo é a morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek lembrada por Aveline, figura que, na sua opinião, apresentava muitas perspectivas políticas devido à sua atuação histórica no país. Esse fato, porém, não foi explorado pelos jornais de Porto Alegre.

A partir dessa constatação, da pesquisa e de um bom trabalho de redação, muitas coisas poderiam ser ditas, contadas ou lembradas ao leitor. Por que uma multidão formada por milhares de pessoas reuniu-se para reverenciar, aplaudir e chorar a morte de Juscelino? Qual o significado de toda essa manifestação para o país?

O arquivo surge então como uma solução. O material não só fica guardado, como organizado, catalogado e lido pela pessoa que trabalha no setor. Conforme complementou Juarez Fonseca, da Zero Hora, um departamento de pesquisa, um arquivo enfim, mesmo que não seja atuante no sentido de estar sempre redigindo matérias, é fundamental dentro de um jornal.

Por outro lado, existe atualmente um acúmulo de informações, com inúmeros jornais e revistas circulando num curto espaço de tempo. Danilo Ucha, da sucursal do Estado de São Paulo, acrescenta: "Não há quem guarde todas essas informações na cabeça e, fazer um arquivo na base das gavetas, como eu mesmo já tentei fazer, é desperdício de tempo e dinheiro. Dificilmente utilizamos na hora certa o material que guardamos e nem sempre lembramos em que lugar o guardamos".

Desta forma, o arquivo organizado torna-se fundamental novamente, principalmente hoje em dia, quando a informação precisa ser a mais completa possível, conforme acentuou Danilo Ucha. Exemplificando, Torres lembra as coletivas convocadas pelo Departamento Nacional de Estradas e Rodagens que, periodicamente, anuncia a duplicação da ponte sobre o Guaíba.

Se o repórter fosse melhor orientado ou tivesse uma fonte de informação onde se basear, as perguntas nesse caso seriam outras, a começar pelo óbvio: quando haverá essa duplicação? Conseqüentemente, os jornais continuam publicando manchetes gastas, repetidas e, como salientou Torres, elas passam a fazer aniversário, de ano para ano, pouco acrescentando à informação.

Evidentemente existem outros acontecimentos que merecem ser lembrados como a destruição de Hiroshima e Nagasaki, a morte de Lupicínio Rodrigues, o sequestro da Patrícia Hearst, a enchente de Tubarão, os mais comuns e batidos pelas redações de jornais...

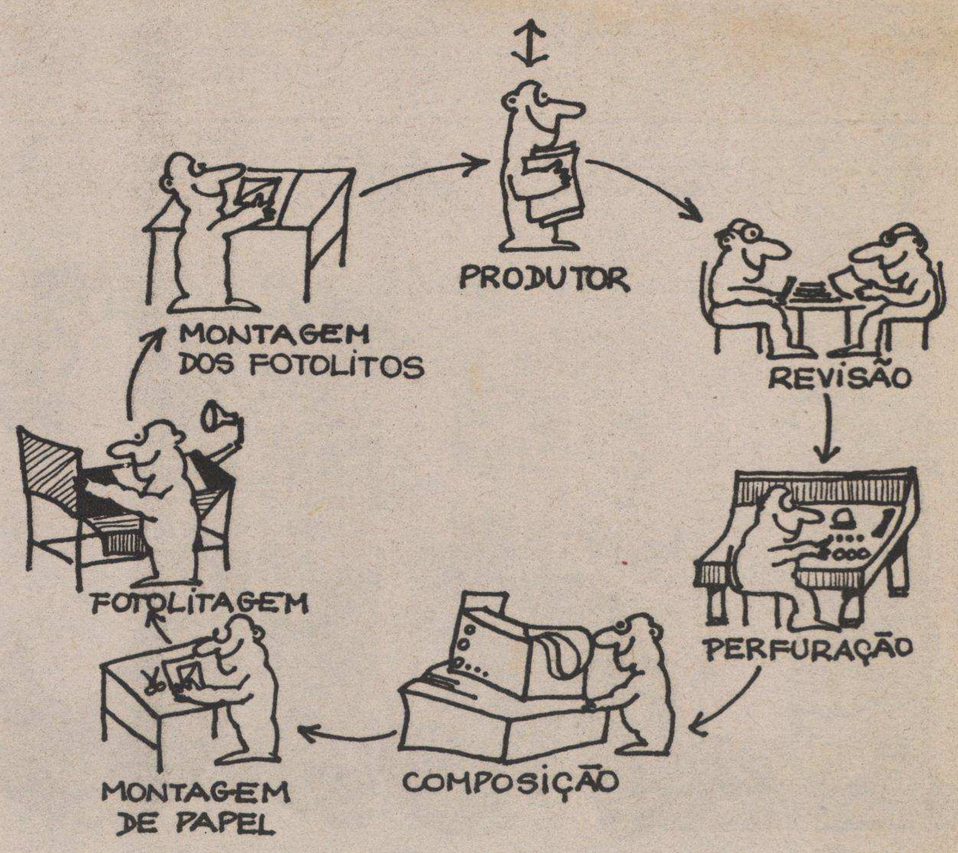
Resta a parte de valorização profissional. O Coojornal optou e está garantindo esse setor do jornalismo que, à medida em que é reconhecido, abre-se também como mais um campo no mercado de trabalho. Mas as pessoas precisam conhecer como funciona um arquivo e para que ele serve.

Marlei Teixeira trabalha no Departamento de Pesquisa de Zero Hora e afirma que a única desvantagem do arquivista é a falta de valorização profissional. "Muita gente pensa que fazer esse tipo de trabalho é moleza". E uma empresa, às vezes, desconhece sua própria iniciativa. Isso, na opinião de Marlei, gera desilusão e desinteresse.

As pessoas não têm idéia do que podem tirar do departamento de pesquisa, queixou-se Jussara Correa que também trabalha nesse setor da Zero Hora. E o jornalista que se considera jornalista, nem sempre reconhece ou quer submeter-se à parte chata de um arquivo: recortar, fichar, catalogar, organizar as informações.

Mas o arquivista que, no caso específico, é um profissional do jornalismo ou um estudante, pode tornar-se um redator ou um repórter de grande abertura. Esse tipo de trabalho exige uma dedicação para todo tipo de assunto como economia, política, esporte, polícia, música, dança, medicina, enfim, pode-se alcançar uma visão geral dos fatos que sempre são encadeados, sem que com isso haja a necessidade de se estar preso ao passado.

Isso tudo seria, digamos, a parte de conscientização, de valorização do trabalho da pesquisa, produto mais elaborado do arquivo. Encarado dessa maneira, o arquivo pode passar de um trabalho chato e ineficaz para uma informação mais elaborada e completa, com o devido incentivo das empresas que se propõem a esse tipo de empreendimento.



Com as máquinas, surge o setor industrial

Uma organização que tem a responsabilidade de editar 17 publicações diferentes, não pode depender, para seus serviços industriais, de empresas gráficas dedicadas a serviços eventuais (não periódicos) ou em sistemas adaptados a cronogramas rígidos de redações com serviços preferenciais (jornais diários).

Não existe hoje em Porto Alegre nenhuma organização capaz de prestar com eficiência os serviços integrados que a Coojornal necessita. Foi prevendo esta realidade que a Cooperativa dos Jornalistas procurou meses atrás o Banco Nacional de Crédito Cooperativo, junto ao qual conseguiu um financiamento para a compra de equipamento de fotocomposição e fotolito.

FOTOCOMPOSIÇÃO

O equipamento de fotocomposição é formado por uma **Computape II da Compugraph** (computador) e um teclado **Automite CIT-70** (perfurador). A Computape opera a uma velocidade de 60 linhas por minuto na medida padrão de 11 paicas ou 10,6 cíceros em corpo oito. Isso equivale à produção simultânea de oito teclados. Em cada operação a máquina tem a opção de até oito tipos de corpos diferentes, sendo de uma ou mais famílias, conforme o arranjo da matriz fotográfica dupla. Além das funções de misturar tipos e tamanhos, a máquina também centra e sangra automaticamente, entrelinhando até 31 1/2 pontos.

FUNCIONAMENTO

O teclado perfura a fita que entra no computador onde é processada. A mensagem expressa em forma de furos ao longo da fita é decodificada e transformada através de mecanismos eletrônicos, em sinais luminosos que impressionam o papel fotográfico formando os caracteres. O papel é retirado da máquina, revelado, fixado, secado, e está pronto para ser revisado.

FOTOLITO

A máquina para fotolitagem é uma câmara vertical **Ravena SEL 75**, da Kodak, que dispensa as tabelas e as alavancas, já que é totalmente eletrônica. Para sua operação basta serem acionados os botões de comando. Fotografa originais de até 56 × 74 cm e amplia e reduz de 25 a 470 por cento. Operada por um técnico especializado pode fazer trabalhos de seleção de cor de bom nível.

DEPARTAMENTO INDUSTRIAL

O Departamento Industrial da Coojornal está sendo organizado na forma de um sistema integrado de atividades que começa na revisão dos originais baixados pela Redação. Esta primeira etapa, executada pelo setor de revisão formado por dois estudantes de Letras, consiste na leitura e correção das matérias que entrarão na composição. Conferidas as marcações feitas nas laudas pelo diagramador, os textos seguem para o tecladista (compositor) que perfura a fita. Esta é processada e o texto revelado, passando depois para a revisão. A composição é então emendada (corrigida) e passa para a montagem do papel. Montadas, as páginas e as ilustrações são fotografadas, reveladas, secadas e, finalmente, os fotolitos são montados, seguindo daí para a gráfica onde o trabalho será impresso e acabado conforme orientação do produtor técnico.

Com as máquinas surgirá um Departamento Industrial na estrutura da Coojornal, que está providenciando o aluguel de um outro imóvel.

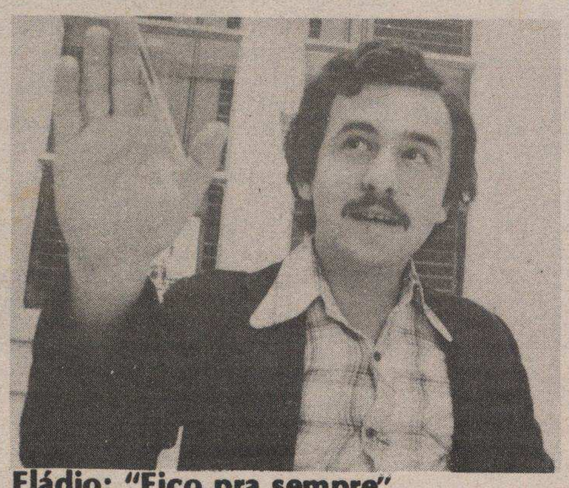
Neste local deverá ser instalado todo o Departamento Industrial, incluindo alguns setores que atualmente funcionam no prédio da Rua Comendador Coruja.

O gerente: quase louco, mas não saiu

Durante duas semanas Eládio Dios Vieira da Cunha 24 anos, gerente administrativo, ficou dentro da Cooperativa sem saber o que fazer. Confessa que a situação era tão confusa que ele pensou em abandonar tudo e arranjar outro trabalho.

"Tinha deixado um emprego no Estado - um cargo de confiança no governo Triches - e havia recebido uma boa proposta da prefeitura de Cachoeira do Sul. Me ofereceram a Secretaria do Planejamento e um excelente ordenado. Ia tomar posse na segunda-feira, mas o meu irmão Zeca (José Antonio Vieira da Cunha, presidente da Coojornal) foi passar o fim-de-semana lá na cidade e tudo mudou".

Eládio conta que Vieira começou a falar da Cooperativa e dos seus problemas. "Me interessei pela coisa. Tinha terminado o curso de Administração de Empresas e como me criei dentro de um jornal (Paulo, o pai, é dono do **Jornal do Povo** de Cachoeira) vi a possibilidade de aliar meus conhecimentos ao jornalismo. Topei e avisei o prefeito que havia desistido do cargo". No início, o gerente administrativo confessa que foi muito difícil. "Era março de 75, havia um amontoado de papéis e dívidas, muitas dívidas, eu não sabia por onde começar. Nos primeiros dias fiquei parado olhando para as pessoas sem fazer nada. Tinha um tijolo dentro do estômago. Uma vontade danada de deixar tudo e além disso queria me casar. Mas vi que o negócio era trabalhar e com o tempo a Cooperativa foi em frente. É verdade que às vezes tinha vontade de abandonar a Coojornal. Mas quando acontecem alguns pepinos. continuo e agora acho muito difícil sair daqui".



Eládio: "Fico pra sempre"

Como gerente administrativo, Eládio é um dos poucos funcionários da Cooperativa dos Jornalistas que não pode ser cooperativado. Atualmente está fazendo o curso de Comunicação Social na PUC. Trabalha dois turnos e é responsável por um dos setores mais difíceis da Coojornal, justamente o que trata das finanças e do equilíbrio econômico. "Sei que às vezes tenho que ser duro com o pessoal, mas temos que estar sempre nos equilibrando para levar o nosso trabalho em frente. A situação agora é boa, completamente diferente de quando entrei e acredito que nos próximos meses as perspectivas só poderão ser melhores".

Aos amigos editores, redatores-chefes, secretários, editorialistas, colunistas, redatores, repórteres, copydesks, chargistas, fotografos, diagramadores, focas e estagiários desta praça...

Duas ou três dicas Samrig para refrescar a cuca e descontrair o papo depois de um dia de batalha.

SIDE CAR

1/2 de conhaque, 1/4 de suco de limão e 1/4 de Cointreau.
Prepare na coqueteleira.

GIN AND ITALIAN

1/2 de gim, 1/2 de vermute doce.
Prepare na coqueteleira.

UÍSQUE GROG

Caldo de 1/2 limão, 2 colheres de açúcar, 1 dose de uísque e 4 rodelas de limão. Junte à mistura, àgua fervendo e sirva quente.

LOS ANGELES

2/3 de uísque, 1/3 de suco de limão, uma gema de ovo, uma gota de vermute doce e uma colher (de chá) de açúcar.
Prepare na coqueteleira.

GROG DE CAFÉ

1 copo de café fervente, 2 colheres (de sopa) de conhaque, 1 colher (de sopa) de aguardente, casca de limão, açúcar à vontade.
Misture ao café, o conhaque e a aguardente. Adoce à vontade e sirva o grog enfeitado, com casca de limão.

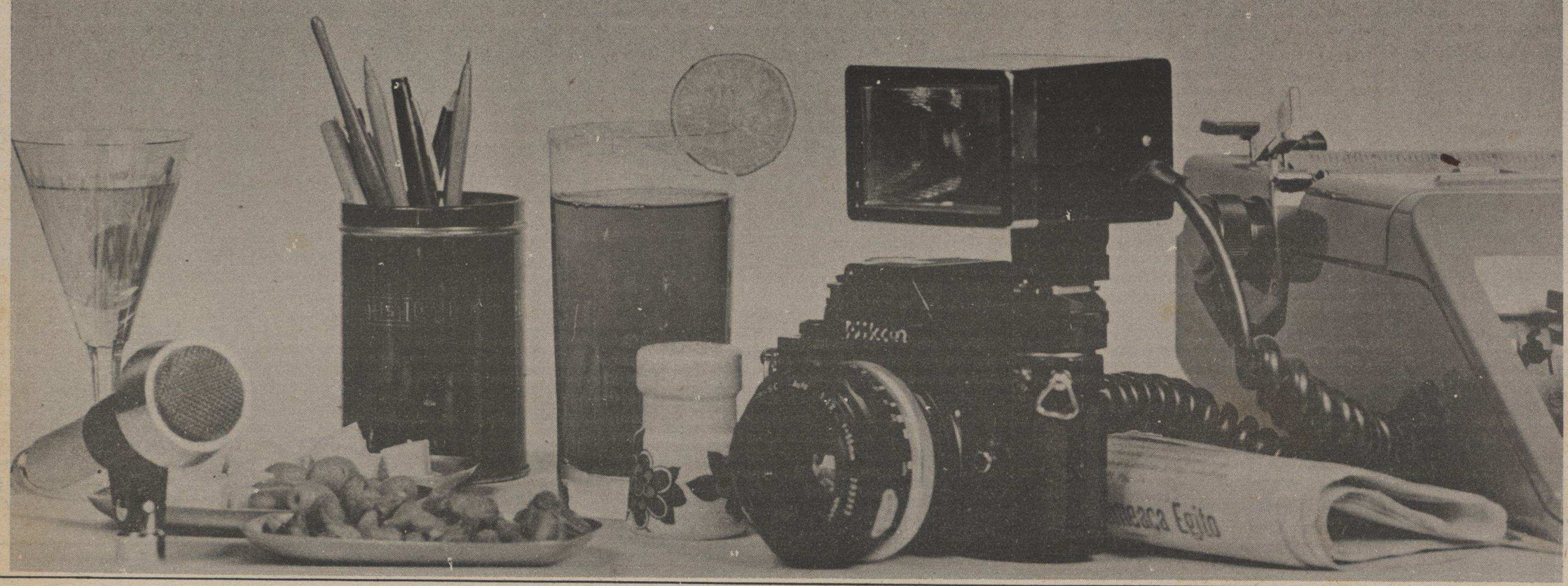
SANDUÍCHE DE FRANGO

Faça uma mistura de 3 colheres (de sopa) de carne de frango passada na máquina, 1 colher (de sopa) de margarina Primor, um pouquinho de cebola moída, uma colher (de chá) de massa de tomate, aipo picado, sal e pimenta à vontade. Ponha entre fatias de pão branco ou preto e sirva.

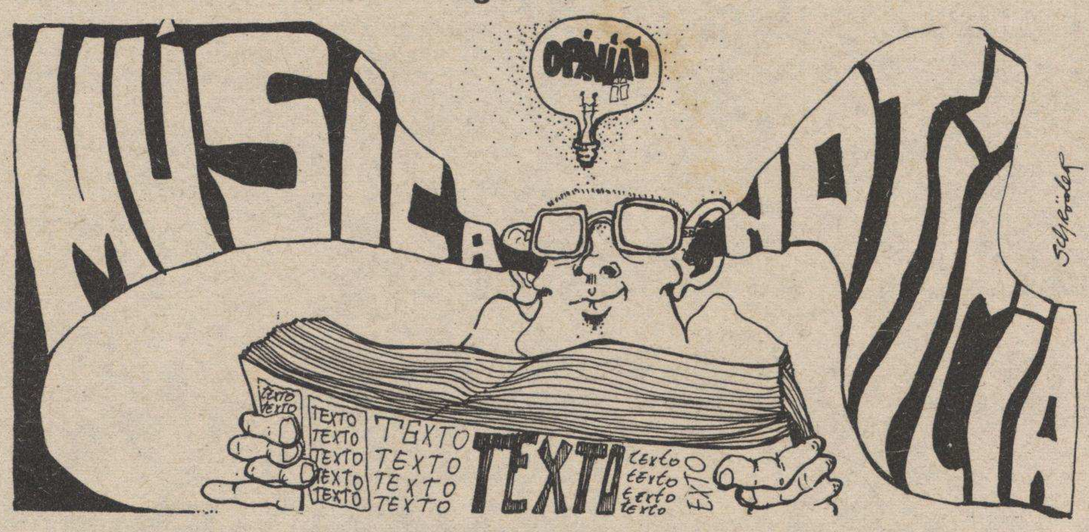
SANDUÍCHE DE PRESUNTO

Ingredientes: presunto, pão de forma (sem casca), margarina Primor.
Passe uma camada leve de margarina Primor em cada fatia de pão.
Coloque entre duas fatias de pão, uma fatia de presunto.
Apare as pontas do presunto e corte o sanduíche em diagonal ou triângulos.

Em tempo: pastel só com Óleo Primor.



Há quase um ano na Alemanha a repórter Regina Vasquez enviou para o Coojornal dois depoimentos: um sobre a Rádio da Bavária, onde durante um mês fez um "estágio de observação", e outro sobre o Süddeutsche Zeitung, um dos mais importantes diários do país. Regina conta:



Jornal: muito texto e pouca fotografia

O Süddeutsche Zeitung (Jornal do Sul da Alemanha) é um dos mais importantes diários do país, vende em todas as capitais européias e pode até ser encontrado na Miscelânea, em Porto Alegre.

Durante a semana são editados 350 mil exemplares diários e no sábado a edição para o fim de semana é superior a 400 mil. O total de jornalistas contratados é de 140, mas também são utilizados repórteres free-lancers e numerosas agências de notícias, bem como cerca de 15 correspondentes estrangeiros. Para esta formidável redação, no entanto, apenas dois fotógrafos trabalham em tempo integral.

Isto significa, em primeiro lugar, que a forma e a imagem não são importantes no SZ. De fato, as fotos são poucas em número e qualidade, gráficos e ilustrações também são pouco utilizados, e apenas uma charge, sobre política, é fixa.

Na cidade, eventualmente são utilizados fotógrafos free-lancers, mas em viagens é o próprio repórter que faz a parte fotográfica. Aliás, na Europa é comum que um repórter seja também fotógrafo. As fotos publicadas são pouco jornalísticas e parecem pertencer a um release oficial.

Assim, o que conta é o texto em seu conteúdo. O jornal tem um bom índice de informação, principalmente na área política nacional e européia. Seu enfoque é nitidamente conservador e tende para a direita. O estilo é sóbrio e moderado. A linguagem é considerada um exemplo de alemão correto, erudito e elegante. A copidescagem, no entanto, é reservada praticamente só às cartas de leitores e à redação dos telegramas. Os revisores se preocupam com a parte gráfica. Os tipos e as manchetes são discretas.

O jornal não é diagramado e muitos redatores não datilografam em laudas, nem levam em conta o espaço ao redigir a matéria. Na hora de fechar a página, um dos editores (ou subetidores) leva o material à gráfica e começa a confusão. Corta daqui, corta dali, reescreve um pedaço, desiste de uma matéria, troca um texto por um anúncio, uma loucura.

Mas o resultado final não é dos piores. A idéia de programar o espaço, conforme a importância das matérias e a estética de página, bem como a disponibilidade de tempo do leitor, parece uma inovação burocrática e inútil aos jornalistas com quem conversei. Uma redatora chegou a dizer: "Nosso jornal é sério, não precisa colocar tipos grandes, manchetes sensacionalistas, cores; ele tem seu leitor certo (mesmo porque a venda é por assinatura). O que interessa é a informação. Diagramação limita o jornalista. Eu nem uso laudas porque o texto sai melhor assim espontâneo, sem ter que trocar de linha a toda hora".

Outra coisa que surpreende é a total independência de cada editoria. Não existe um controle global do jornal. Às 11h30min, quando todo mundo já está trabalhando, é feita uma espécie de reunião de pauta. Nesta reunião, que dura uns 40 minutos, cada editor diz o que está preparando para a edição de amanhã. Tudo é feito na mais perfeita ordem, mas o secretário de redação e o diretor responsável são praticamente informados do que está planejado. Depois, é cada um por si, pois cada um fecha a sua página.

Esta independência, na opinião dos jornalistas do SZ, é um reflexo da neutralidade e objetividade do jornal. "Nós apenas dizemos a verdade, não seguimos nenhuma linha", explicou uma editora. Quando eu comentei que a verdade tem vários lados, fez cara de desaprovação e não respondeu.

A maior diferença entre uma redação alemã e uma brasileira está talvez no próprio ambiente e no horário de trabalho. Bem ao estilo germânico, tudo acontece de forma disciplinada e sem muito alvoroço, embora eles falem sempre alto e sem medir as palavras. As editorias estão distribuídas por numerosas salas que não se comunicam entre si e os que desempenham as funções de chefia têm escritório próprio.

Não há papéis e cinza espalhados pelo chão, não se vê correria. O tratamento é cordial, mas sempre é mantida uma certa formalidade e respeito hierárquico. Apesar das exigências da profissão, existe muito respeito pela vida privada e se procura manter um horário compatível com o resto da sociedade. Em minha primeira visita, eram 18h30min quando eu verifiquei, perplexa, que até o porteiro já tinha ido embora e apenas uma saída lateral permanecia aberta!

A gráfica onde é impresso o SZ não pertence ao jornal e sim a uma empresa gráfica que edita também o seu maior competidor local (Abend Zeitung). Como os dois diários ocupam prédios contíguos, a gráfica fica num prédio no pátio atrás dos dois edifícios, sendo igualmente acessível a ambos. A composição é feita por linotipo a quente e, apesar da automatização, emprega um total de 1800 funcionários.

Mais de 65 por cento do jornal é dedicado à matéria paga, pois o SZ é o principal veículo de anúncios e propaganda no sul do país. Devido à estatização da rádio e da tevê, bem como à pouca utilização de "outdoors" (não sei se devido ao clima ou às leis anti-poluição), o jornal é fundamental para a publicidade. Muitos supermercados e lojas anunciam semanalmente suas ofertas especiais, os órgãos do governo fazem comunicações, as agências de turismo ocupam várias páginas, as pessoas solitárias pedem companhia, e há também os pequenos anúncios. Na gráfica eles dizem que o SZ apresenta diariamente 20 páginas de texto e o resto de matéria paga (o total é variável, mas durante a semana fica em torno de 50 páginas). Mais de 90 por cento da venda ao SZ é feita por assinatura.

Dez bibliotecárias procuram manter em dia o arquivo de recortes de jornal, com o auxílio das "recortadoras". O SZ conta ainda com uma biblioteca de livros de informação geral, um arquivo fotográfico pequeno, e as coleções dos jornais mais consultados. Do ponto de vista social, a única instalação para os empregados é uma cafeteria, onde não se escolhe o cardápio do almoço mas come-se bem e barato.

Rádio: música e notícias

A rádio alemã, como a televisão, pertence ao Estado e sua política é oficialmente ditada por um conselho nacional, integrado por representantes de quase todos os setores organizados da população (partidos políticos, sindicatos de classe, religiões, autoridades regionais etc).

Os empregados da rádio, no entanto, são funcionários públicos e, como tais, passam por uma peneira que filtra os de idéias esquerdistas.

Na Rádio da Bavária, que ocupa um enorme edifício (do tamanho do do Jornal do Brasil, no Rio), produz programas para os três canais existentes na Alemanha. O departamento de notícias funciona principalmente na base dos telegramas das diversas agências e sucursais, e os repórteres utilizados trabalham geralmente em regime de free-lancer.

O estágio de um mês foi feito junto à equipe encarregada da programação para jovens, feita por dez a doze jornalistas — dois editores-diretores responsáveis, duas redatoras-secretárias, e um número variável de repórteres-locutores. Como se vê, existe um acúmulo de funções.

O trabalho de corte e montagem das fitas para a gravação final (quase todos os programas são pré-gravados) é sempre realizado por mulheres ("as cortadoras"), pois a direção da empresa verificou que elas desempenhavam esta função com maior eficiência que os homens. Eles atribuem o fato à paciência e ao método do sexo feminino!

Os programas destinados ao público jovem utilizam uma linguagem informal e alguns palavrões mais difundidos. Os assuntos são os mais variados possíveis. Num programa de meia hora, por exemplo, eles apresentam uma reportagem sobre o desemprego entre os recém formados, comentam o último acontecimento cultural, procuram fazer humor, e dão uma boa dica sobre os instrumentos musicais de preço inferior a cem cruzeiros.

Intercalada, muita música pop. Eles calculam sempre um terço de texto para dois terços de música, pois dizem que este é o limite para os ouvintes jovens.

Duas ou três horas antes de iniciar o programa, toda a equipe se reúne no estúdio. Como é costume na Alemanha, não se trabalha sem "combustível" — os trabalhadores bebem cerveja, os jornalistas, vinho, e os professores "schnapz" (cachaça). Mas nem assim o ambiente se descontrai. O programa é montado, são feitas as últimas gravações, discute-se efeitos especiais e acha-se um final - o que requer certo cuidado.

Devido ao grande número de trabalhadores de outros países, duas vezes por dia as principais notícias são transmitidas também em italiano, espanhol, turco, grego, e iugoslavo. Um assunto que merece bastante importância na rádio daqui são as informações sobre as condições do tempo e das principais estradas.

Todas as entrevistas feitas pelo repórter, exceto as de rua, devem ser marcadas com antecedência (pelo menos um dia) pelo telefone e nenhum dos entrevistados se esquiva das perguntas. Aparentemente, ninguém tem medo de dar informações ou sua opinião.

Para o usuário (ou ouvinte), a estatização da rádio não é um mau negócio. Ele paga cerca de quinze cruzeiros por mês e tem três opções (três canais) de programação, além de poder ouvir quantas outras estações seu aparelho captar (em Munique se ouve bem as rádios austríacas, uma rádio americana destinada às forças de ocupação e outras estações emissoras européias — tem gente que já pegou bem até a Rádio Nacional de Brasília).

A propaganda é em quantidade mínima e concentrada como se constituísse um programa.

Chame a União e faça uma apólice de "Vida em Grupo" para seus empregados.

É o seguro dos empresários responsáveis.

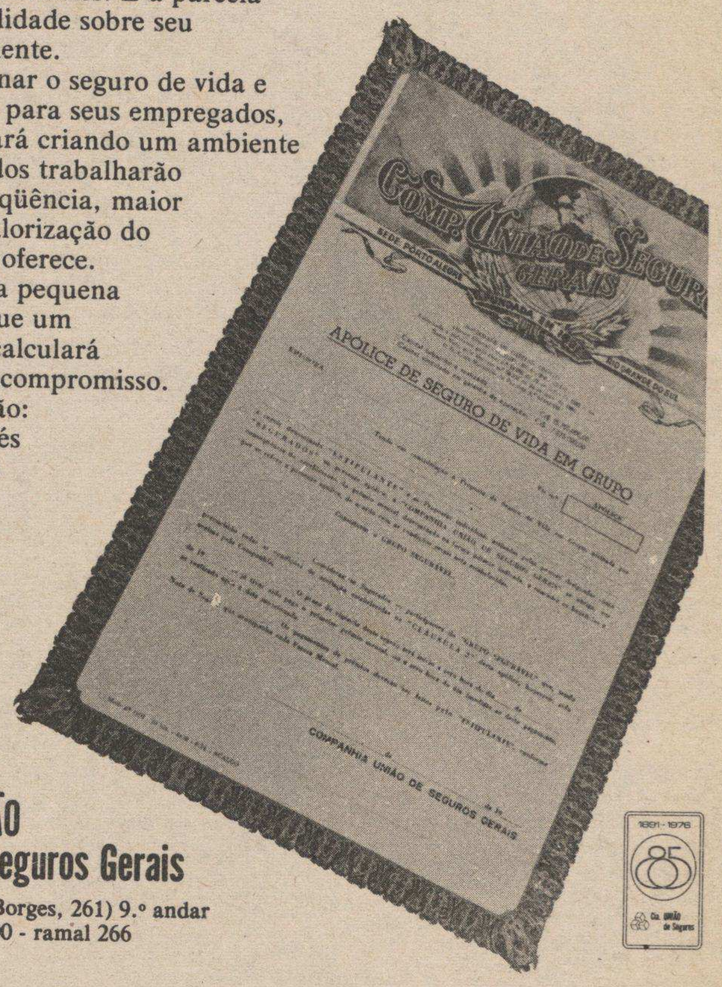
Se a sua empresa tem mais de cem empregados, consulte imediatamente a União de Seguros sobre uma Apólice de Vida em Grupo.

Você sabe o quanto é importante para sua empresa o trabalho de cada um deles. E a parcela de sua responsabilidade sobre seu bem-estar permanente.

Ao proporcionar o seguro de vida e acidentes pessoais para seus empregados, você também, estará criando um ambiente tranqüilo onde todos trabalharão melhor. Em conseqüência, maior produtividade e valorização do emprego que você oferece.

Tudo por uma pequena quantia mensal, que um técnico da União calculará a seu pedido, sem compromisso.

Chame a União: diretamente, através de seu corretor, ou de um gerente do Banrisul.



Cia. UNIÃO de Seguros Gerais

Ed. União (Borges, 261) 9.º andar
Fone 24.50.00 - ramal 266